



UC/FPCE_2014

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

“Filhos és, pai serás”: Memórias Infantis dos Pais e Competências Parentais Actuais

Joana Monteiro (monteiro_joana@outlook.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde,
subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas sob a
orientação do Professor Doutor Eduardo Sá

“Filho és, pai serás”: Memórias Infantis dos Pais e Competências Parentais Actuais

Resumo: Esta investigação tem como objectivo principal perceber se as memórias parentais na infância influenciam as competências dos pais na parentalidade.

Seguindo uma linha de investigação correlacional transversal, de natureza quantitativa, foi desenvolvido um protocolo que permitiu a recolha dos dados necessários à realização do presente estudo. Como tal, foi aplicado um questionário sociodemográfico, bem como três escalas que permitiram recolher informações acerca das memórias infantis parentais, o estilo de vinculação do participante, como também as competências parentais desempenhadas por estes, actualmente, nos filhos.

Os resultados desta investigação convergem com os estudos realizados e a literatura encontrada neste âmbito, sugerindo que as memórias de infância relativas aos estilos educativos parentais influenciam o modo como, mais tarde, se estabelecem vínculos relacionais e, em função destes, se aplicam as competências parentais. As relações precoces e, a percepção dada às mesmas, são fundamentais para o processo de desenvolvimento do indivíduo a nível social, psicológico e emocional, sendo considerados os desencadeadores do investimento relacional com os que os rodeiam.

Palavras-chave: memórias infantis; competências parentais; vinculação; transmissão intergeracional.

Infant Memories of Parenthood and current parental child-rearing skills

Abstract: The present study's main objective is to perceive if the parents' childhood memories influence their parenthood competences later on.

The protocol that enabled the data collection was based on a correlational transversal and quantitative research. A sociodemographic questionnaire was used, as well as three scales that enabled data collection regarding the parents' childhood memories, the attachment style of the participants and their current parenthood competences.

This research's results are in line with the existing literature and studies about this matter, suggesting that the parents' childhood memories, related to the education type they had, influence how, later on, relational attachment occurs, through which parenthood competences are applied. Early relationships and the individuals' perception about them are critical to their social, psychological and emotional development, being considered the trigger of the relational investment with their peers.

Key Words: infant memories; parental child-rearing; attachment; intergenerational transmission.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Eduardo Sá por todo o apoio, compreensão e rigor na orientação desta dissertação, pela transmissão de todos os conhecimentos e aprendizagens que me ensinou no decorrer deste percurso.

Aos meus pais pelo apoio incondicional, pela paciência e pela grandeza das suas palavras, porque sem eles não teria a oportunidade de ter realizado este sonho e me ter tornado quem sou.

À minha irmã preferida, Noémia Monteiro, pela protecção, pelo carinho e pelos importantes conselhos que me dedicou ao longo desta caminhada.

Aos meus avós por todos os ensinamentos que me foram transmitindo.

Ao Samuel por todas as vezes que me confortou, pelo incentivo e pelo apoio que sempre me demonstrou.

Às minhas amigas de excelência, Carina Assunção e Clara Rita, por toda a ajuda, pela paciência, pela sinceridade e pela constante boa disposição que tanto me motivou na realização desta dissertação.

Às minhas colegas de estágio, Ana Fidalgo e Ágata Palma, pelo apoio e por todas as aventuras que passámos ao longo deste ano.

À minha grande amiga, Joaquina, pela dedicação e pela ajuda dada na realização desta dissertação e por todos estes importantes anos que caminhamos juntas.

Sem nunca esquecer, à minha amiga (quase de infância), Ana Magalhães, que sempre me apoiou, incentivou, por toda a coragem e sabedoria que me transmitiu e muito me motivou.

O meu maior obrigada!

Índice

Introdução	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
1.1 Lembranças de uma infância.....	2
1.1.1 Memórias Infantis	2
1.1.2 As primeiras relações e a vinculação	2
1.2 As relações no adulto: uma continuidade?.....	4
1.2.1 A influência das relações precoces no adulto	4
1.2.2. As relações do adulto e a vinculação	5
1.3 A caminhar para o futuro: a parentalidade.....	6
1.3.1 Investimento Parental.....	6
1.3.2 Competências e Estilos Parentais.....	7
1.4 Os herdeiros da parentalidade	11
1.5 Síntese do enquadramento conceptual	13
II - Objectivos	14
III - Metodologia.....	15
3.1 Delineamento do estudo.....	15
3.2 Amostra	15
3.3 Procedimentos de investigação	16
3.4 Instrumentos de avaliação.....	16
3.4.1 Questionário sociodemográfico	16
3.4.2 EMBU-Memórias de Infância.....	17
3.4.3 Escala de Vinculação do Adulto (EVA)	17
3.5 Procedimentos estatísticos	17
IV - Resultados	19
4.1 Caracterização da amostra	19
4.2 Caracterização das dimensões da escala	21
4.2.1 EMBU-Memórias de Infância.....	21
4.2.2 EVA	22
4.2.3 EMBU-Pais	22
4.3 Consistência Interna.....	23
4.4 Influência das variáveis sociodemográficas.....	24
4.4.1 Influência da variável sexo	24

4.4.2	Influência da escolaridade.....	25
4.4.3	Influência da idade do(a) filho(a).....	25
4.4.4	Influência da posição do filho na fratria	26
4.5	Associação entre variáveis	26
4.5.1	Associação entre as dimensões do EMBU-Memórias de Infância.....	26
4.5.2	Associação entre as dimensões do EVA	27
4.5.3	Associação entre as dimensões do EMBU-Pais.....	27
4.5.4	Associação entre o EMBU-Memórias de Infância e o EVA.....	28
4.5.5	Associação entre o EVA e o EMBU-Pais	29
4.5.6	Associação entre o EMBU-Memórias de Infância e o EMBU-Pais	29
V	- Discussão	30
VI	- Conclusões e Limitações	35
	Bibliografia	36
	Anexos	I
	Anexo 1 – Protocolo de Investigação	I
	Anexo 2: Tabelas de análise da normalidade e da homogeneidade das variâncias	IX
	Anexo 3: Tabela da análise descritiva das dimensões	X
	Anexo 4: Influência da variável sexo nas dimensões do EMBU-Pais	XI
	Anexo 5: Tabelas de análise das associações entre as dimensões (Kendall tau-b)	XII

Introdução

Ao longo dos tempos, a parentalidade tem mostrado progressivas mudanças. Neste contexto, a família detém um importante papel na sociedade ao dimensionar determinadas práticas educativas, definindo um ambiente, mais ou menos limitado, que se transmitirá de pais para filhos. Todo o desenvolvimento acaba por ressaltar a importância dos primeiros anos de vida, permitindo a formação da identidade e a sucessiva interacção afectiva entre pais, filhos e comunidade. Daí que resulta a transmissão de valores que é feita automaticamente entre as diferentes gerações (Biasoli-Alves, 2002, citado por Hennig, 2008).

Vários factores como a inserção da mulher no mercado de trabalho, o papel de cuidador primário dos filhos, o aumento e obrigatoriedade da escolaridade e/ou a diminuição do número de membros da família, fomentaram alterações no desempenho da função masculina e feminina, bem como nas perspectivas e comportamentos dos indivíduos na sociedade (Bronfenbrenner, 1995; Monteiro, Veríssimo, Santos & Vaughan, 2008). Estas características vieram, por sua vez, promover uma maior compreensão da criança e modificar as práticas educativas parentais. Actualmente os pais são mergulhados em grandes quantidades de informação provenientes das mais diversas fontes, desde a comunicação social, diferentes profissionais, até à rede social de apoio (Ribeiro, 2003).

Ainda assim, e face a todas estas mudanças, a literatura identifica diversos estudos que se debruçam sobre práticas educativas e as suas influências, demonstrando que as memórias das experiências precoces do comportamento parental, criam uma ponte com aquilo que actualmente são as suas competências parentais e o seu trajecto de vida (Chen, Liu, & Kaplan, 2008).

No entanto, ao abordar as memórias, é necessário ressaltar que estas são interpretações pessoais, únicas de cada indivíduo e que dependem da percepção obtida num determinado acontecimento (Albano, 2006). Neste sentido, não são tanto as experiências de infância que se relacionam com a qualidade de vinculação dos filhos, e por isso, à qualidade do investimento parental, mas antes, as representações feitas pelo adulto face a essas mesmas experiências (Freitas, 2011). A teoria da vinculação assume que as experiências relacionais são moldadas na infância através dos modelos internos dinâmicos, sendo estes que, mais tarde, moldam as experiências de relacionamento social, incluindo a parentalidade (Belsky, Jaffee, Sligo, Woodward, & Silva, 2005).

Posto isto, a presente investigação tem como objectivo perceber se as memórias parentais dos sujeitos influenciam as suas competências enquanto pais, procedendo assim à realização de um estudo correlacional por amostragem, partindo de uma análise quantitativa dos dados obtidos, através das escalas de avaliação do EMBU – Memórias de Infância, EVA (Escala de Vinculação do Adulto) e EMBU – Pais.

I – Enquadramento conceptual

1.1 Lembranças de uma infância

1.1.1 Memórias Infantis

Antes de iniciar a leitura realizada na temática desta investigação, é importante esclarecer de que forma se devem interpretar e compreender as memórias infantis.

Assim, segundo Moura (2009), a memória pode ser considerada como um sistema organizador de condutas previsíveis nas relações sociais, interpessoais e psíquicas. Sendo, por isso, interpretada como um processo complexo, produzido através da percepção e segundo a excitação do sujeito, no momento do acontecimento, tornando o mundo externo segundo aquilo que o nosso psiquismo interpreta (Lacan, 1992). A realidade de si pode, assim, ser entendida por cada sujeito de maneira única, dependente do modo como este se relaciona com os cuidadores e outras pessoas significativas ao longo da sua infância. A memória passa assim a ser percebida como sendo geradora de consequências, ou seja, as percepções do indivíduo acerca do passado são retidas e reproduzidas em si e no espaço social (Moura, 2009).

São estas relações que permitem que o sujeito crie modelos de relacionamento, que são internalizados e, por isso, passam a fazer parte integrante do mundo interno de cada um, que por sua vez, servirá como modelo para as relações futuras com o mundo externo (Bleichmar, Bleichmar, & Klein, 1992).

Algumas investigações (Conway & Pleydell-Pearce, 2000; Habermas & Bluck, 2000; McAdams, 2001; Peterson, Bonechi, Smorti & Tani, 2010) concluíram que são as memórias infantis as que se integram maioritariamente no decurso da história de vida do sujeito. Ainda, Conway e Holmes (2004) sugeriram que as memórias específicas da infância são as mais relevantes para importantes pontos do nosso desenvolvimento. O papel desempenhado pelos pais e amigos é considerado, também, como sendo das mudanças psicossociais mais importantes que ocorrem durante a infância e a adolescência (Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006).

Existem, assim, processos inconscientes que o indivíduo transfere para os outros, bem como sentimentos e atitudes que se associam às figuras relevantes do início da sua vida que, por exemplo, levam a que estes sujeitos, em adultos, a partir de vivências infantis, acartem com eles a sensação de segurança e uma maior capacidade de autonomia (Oliveira, 2008).

É, por isso, “A memória (...) a cola que aglutina a nossa vida mental, a base que sustenta a nossa história pessoal e que possibilita o crescimento e a mudança ao longo da vida” (Squire & Kendel, 2002 citado por Carvalho, 2010, p. 29).

1.1.2 As primeiras relações e a vinculação

Retendo a importância da compreensão das memórias, que definem a

percepção do sujeito face a acontecimentos ocorridos na sua infância, será possível chegar a um melhor entendimento das teorias encontradas no seio da literatura, relativas ao desenvolvimento das relações precoces, fundamentais no decurso de vida de um indivíduo (Oliveira, 2008; Peterson et al., 2010). Com efeito, é imprescindível apelar à consideração das bases sobre as quais, as memórias, se vão estruturando e organizando. É neste contexto que adquire preponderância a teoria da vinculação de Bowlby (1969/1982), considerada como uma concepção teórica de destaque, referente ao desenvolvimento sócio emocional presente desde o neonato, em forma embrionária, até à velhice. Este autor considera que o ser humano tem uma necessidade inata de criar laços afectivos íntimos com pessoas significativas, os cuidadores, que, ao demonstrarem segurança e competência na exploração das relações com o mundo externo, permitem que este desenvolva e adquira comportamentos adaptados com a realidade, e que assim, se prolonguem durante a vida adulta (Bowlby, 1988, citado por Oliveira, 2008).

Os autores Guedeney e Guedeney (2004) acrescentam que a criança dirige o seu comportamento de vinculação a uma figura dita privilegiada, criando uma relação de vinculação que se vai desenvolvendo ao longo do tempo, sendo diferenciada de outras relações sociais (Cruz, 2011). Ainsworth (s.d., citado por Cruz, 2011) refere que esta diferenciação ocorre devido à presença de quatro características, sendo elas: a busca de proximidade, a concepção de base segura, a ideia de comportamento de refúgio e as reacções decorrentes da separação.

Consequentemente, foram desenvolvidos padrões de vinculação que permitem diferenciar as características individuais das crianças, no que se refere ao modo como ressentem conforto ou desconforto em ambientes desconhecidos, bem como na ausência ou presença da figura de vinculação (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Como tal, este autor definiu três tipos de vinculação (Tabela 1): vinculação segura (tipo B), vinculação insegura/evitante (tipo A) e vinculação insegura/resistente ou ambivalente (tipo C) (Abreu, 2005; Cruz, 2011; Salvaterra, 2007; Soares, 2009).

Tabela 1. Categorização dos tipos de vinculação segundo Ainsworth et al. (1978)

Tipos de Vinculação	Definições
	(Abreu, 2005; Ainsworth et al., 1978; Salvaterra, 2007; Soares, 2009)
Vinculação Insegura, Evitante (Tipo A)	Caracteriza-se pela presença de comportamentos de evitamento perante a figura de vinculação, essencialmente em situações de aproximação, em que a ignora ou afasta. O estranho e a figura de vinculação encontram-se no mesmo patamar, isto é, a criança vai tratá-los de modo semelhante.
Vinculação Segura (Tipo B)	Caracteriza-se pela presença de uma base segura – a figura de vinculação – que permite explorar o ambiente, confortando a criança em situações indutoras de <i>stress</i> . O relacionamento com os pais é amigável e relaxado, permitindo estabelecer intimidade de forma espontânea e tendendo a desenvolver-se uma interacção verbal livre e tranquila.

Vinculação Insegura, Resistente ou Ambivalente (Tipo C)	A criança demonstra um nível elevado de dificuldades numa situação não familiar, desencadeando uma ausência de exploração do ambiente e grande necessidade de estar junto da figura de vinculação. A angústia é mais forte perante a separação com a figura de vinculação, mas quando esta volta, a criança mostra-se ambivalente, dando sinais de zanga e rejeição e resistindo ao contacto físico.
---	--

Neste âmbito, Bowlby (1973) complementa a sua teoria, introduzindo o conceito de *working models*, também designados de modelos representacionais ou modelos internos dinâmicos, definindo-o como sendo as representações mentais, sejam elas conscientes ou inconscientes, que o indivíduo tem acerca do mundo e de si próprio, auxiliando-o na percepção de acontecimentos, bem como na previsão e forma de construir planos para o futuro. Por sua vez, Abreu (2005) acrescenta o conceito de sistema de vinculação, definido como um sistema comportamental independente, que se desenvolve desde as primeiras experiências com as figuras de vinculação, permitindo, por isso, promover a criação destes modelos internos dinâmicos, guiando a criança nas suas relações afectivas.

Assim sendo, a vinculação está na base das experiências precoces com o cuidador, permitindo à criança estabelecer uma relação de vinculação com todos os sujeitos que lhe trazem cuidados necessários, orientando-se, progressivamente, para diferentes cuidadores (Koren-Karie, 2000).

1.2 As relações no adulto: uma continuidade?

1.2.1 A influência das relações precoces no adulto

A partir da introdução feita às relações precoces e às linhas teóricas correspondentes, é importante referir que a natureza da vinculação, ao longo da infância, perpetua-se àquela que decorre no adulto, encontrando-se poucas diferenças entre as relações que as crianças tecem com os cuidadores e as relações estabelecidas entre os pares na idade adulta (Bowlby, 1980). Weiss (1991) sugeriu, por isso, que as características que derivam da emoção e do comportamento são pautadas, tal como na criança, pelo conforto com a proximidade nas relações com os outros e a presença de ansiedade perante a separação à figura de vinculação. De igual modo, o mesmo autor defende que, por intermédio de processos de generalização, as emoções que se associam à vinculação na infância tenderão a repercutir-se, mais tarde, na vinculação na idade adulta, como que existindo uma linha de continuidade entre ambas.

Assim sendo, os padrões que se mantêm persistentes perante as diversas relações, sendo consistentes ao longo dos tempos, parecem advir das experiências vivenciadas ao longo da infância (Bowlby, 1969/1982; Canavaro, 1999). Deste modo, a estabilidade das diferenças individuais que é encontradas nos padrões de vinculação dos indivíduos, relaciona-se com modelos internos dinâmicos específicos, que definem os seus comportamentos em relação a situações de separação ou proximidade (sendo

elas imaginadas ou correspondendo à realidade), das figuras de vinculação (Canavarro, 1999). Os modelos internos dinâmicos são assim definidos como importantes grelhas de interpretação, permitindo antever comportamentos e fazer com que os padrões de interação transmitam a sua influência para relações de proximidade emocional (Fonseca, 2012). Embora estes modelos internos sejam resistentes à mudança, influenciando o comportamento na vida adulta, são, ainda assim, considerados dinâmicos e, como tal, abrangem a possibilidade de serem reformulados por via de novas experiências de vinculação significativas, permitindo a modificação daquilo que foi sendo construído ao longo da infância (Bowlby, 1973).

1.2.2. As relações do adulto e a vinculação

Numa linha de continuidade é, por isso, preciso ter em conta toda a história de desenvolvimento para a compreensão das relações afectivas e, por outro lado, a representação de uma continuidade ou mudança na organização da vinculação (Soares, 2009).

Assim, a literatura aborda a importância das relações no adulto e a influência da vinculação no seio dessas mesmas relações. Segundo Weiss (1982 citado por Canavarro et al., 2006), este conceito diverge na idade adulta, na medida em que as relações de vinculação estabelecem-se agora entre pares, sem que esteja em causa a necessidade de sobrevivência, incluindo, por outro lado, dimensões de envolvimento sexual. Outros autores, tais como Hine e Stevenson-Hinde (1986), esclarecem também a presença destas diferenças ao nível da reciprocidade das relações presentes no adulto, premiadas por trocas alternadas de cuidados, em função da necessidade de cada sujeito na relação.

Como tal, e partindo da definição da vinculação no adulto de Berman e Sperling, (1994), o indivíduo mantém uma relação de proximidade e contacto com figuras específicas, de forma tendencialmente estável, percepcionando-as como importantes fontes de segurança (tanto a nível físico como a nível psicológico). Também, podemos considerar a definição de West e Sheldon (1994), caracterizada pela presença de relações mútuas, onde se permeia a proximidade com uma figura privilegiada de vinculação a fim de manter um sentimento de segurança.

Uma vez que a vinculação no adulto parece diferir, em alguns aspectos, deste conceito na infância, será importante referir que alguns autores aprofundaram uma nova classificação, induzida através de procedimentos de avaliação. Sendo conhecida a classificação geral, relativa aos conceitos de vinculação segura e insegura, Hazan e Shaver (1987) desenvolveram um modelo mais específico definido a vinculação em três categorias: segura, evitante e ansioso/ambivalente (Guedeney & Guedeney, 2004). Para estes autores, a vinculação segura caracteriza-se pela facilidade na aproximação e dependência dos outros; a vinculação evitante caracteriza-se pela dificuldade na aproximação e na confiança com os outros, levando o sujeito a sentir-se desconfortável em determinadas situações sociais; e a vinculação ansiosa/ambivalente caracteriza-se pela preocupação excessiva no pensamento mais negativo que os outros possam ter em relação ao sujeito, limitando a proximidade com os mesmos (Canavarro, 1999).

Bartholomew (1990), partindo das representações de si próprio e dos outros, propôs um modelo composto por quatro categorias, que, para além das dimensões “segura” e “ansioso”, empregues no modelo supracitado, incorporou dois subtipos de estilo “evitante”, caracterizados por: “evitante-desligado”, que se referia à percepção do sujeito face aos cuidados que merece por parte dos outros, sendo que estes não respondem às suas necessidades; e, o “evitante-amedrontado” caracterizado pela percepção de que o sujeito não merece o cuidado dos outros, associando a falta de confiança dos outros enquanto pessoas.

Tabela 2. Síntese de estudos da influência das memórias das relações precoces e a vinculação no adulto

Autores	Principais resultados
Fonseca (2012).	Os resultados indicaram que as memórias de infância, regidas por padrões de vinculação mais seguros, levam à qualidade da vinculação na idade adulta. Encontrando-se também a situação inversa, ou seja, a memórias de infância pautadas pela rejeição, nas escalas paterna e materna, não revelam uma qualidade da vinculação na idade adulta.
Oliveira (2008)	Os resultados demonstraram que a importância da qualidade do vínculo parental na infância está associado a padrões de relacionamentos no adulto.
Rodrigues, Figueiredo, Pacheco, Costa, Cabeleira, & Magrinho (2004).	Indivíduos com um estilo de vinculação segura demonstraram ter representações mais positivas com os pais na infância.
Sousa (2009)	O factor de superprotecção e o estilo autoritário na infância são os que se relacionam com uma maior ansiedade na vida adulta. Por sua vez, o carinho, o estilo parental autoritativo e a vinculação segura apresentam menores níveis de ansiedade social.
Batcho, Nave & DaRin (2010).	Os resultados revelaram que as impressões subjectivas, acerca das experiências infantis, influenciam as perspectivas e disposições associadas a aspectos do bem-estar psicológico do adulto.

1.3 A caminhar para o futuro: a parentalidade

1.3.1 Investimento Parental

É através da compreensão da importância das relações precoces e do seu desenvolvimento, bem como da importância da perpetuação dessas mesmas relações na idade adulta, que se inicia o estudo dos comportamentos parentais. As experiências de infância, a percepção das mesmas e as expectativas criadas poderão estar, por isso, na origem de um tipo específico de vinculação presentes na relação com os outros, como também no investimento parental. Estas experiências são expressas indirectamente segundo uma interpretação individual dos acontecimentos ocorridos na

infância e o nível de significação a eles atribuídos (Karie-Koren, 2000).

Assim sendo, partindo de uma perspectiva da psicologia do desenvolvimento, o investimento parental pode ser definido pelo modo como indivíduo se dedica à tarefa de mãe/pai, de forma a facultar um desenvolvimento adaptativo à criança. Em oposição ao termo vinculação (que é centrado na criança), a literatura refere o termo investimento sócio emocional. Este conceito relaciona-se com a identidade e realização parental, e identifica a manutenção da proximidade dos pais em relação à criança, como forma de a proteger, criando, deste modo, um tendência para afiliar (Bradley, Whiteside-Mansell, & Brisby, 1997, citado por Freitas, 2011). Este investimento é manifestado pelos cuidadores na forma como expressam o afecto, no prazer e no desejo de estar com o filho e de se preocuparem com o seu bem-estar, nas escolhas consistentes, através da sensibilidade e responsividade às necessidades do filho e na aceitação do papel parental.

Próximo deste conceito, encontra-se o envolvimento parental descrito por Gameiro, Martinho, Canavarro e Moura (2008), referindo-se aos cuidados, ao investimento e à canalização de recursos, por parte dos pais, necessários à sobrevivência e desenvolvimento dos filhos. Os cuidados prestados aos filhos são determinados pelo modo como os pais investem nos mesmos.

Neste sentido, uma vinculação segura servirá de factor primordial para as relações futuras, seja com os pais ou os outros, nas relações sentidas como mais significativas (Gameiro et al., 2008).

1.3.2 Competências e Estilos Parentais

A abordagem feita às relações precoces, a sua influência na vida adulta, bem como a importância da percepção do investimento parental, introduzem um conceito fundamental para a compreensão e aprofundamento do tema da presente investigação, a parentalidade. Como tal, este pode ser definido como o conjunto de capacidades educacionais ao nível da prática e da acção, e ao modo como os pais cuidam dos respectivos filhos (Barroso & Machado, 2010). Neppl, Conger, Scaramella e Ontai (2009) dividem o conceito de parentalidade segundo dois pólos: a parentalidade positiva, que se caracteriza por uma comunicação eficaz, interesse crescente na criança e menos comportamentos coercivos. No que diz respeito à parentalidade negativa esta caracteriza-se por maiores níveis de hostilidade, comportamento, tendencialmente, anti-social e comportamentos coercivos.

O comportamento parental é definido por Cruz (2005) como sendo um conjunto de acções desempenhadas nos filhos e conduzidas pelos pais, de forma a promover um desenvolvimento pleno com uso a recursos internos ou externos, dentro e fora da família, que são a representação de estilos de exercícios e vivências da parentalidade. O modo como se direcciona o comportamento dos filhos para que estes sigam princípios morais específicos, faz parte do papel parental, funcionando como agentes de socialização para os filhos. Fornecem a aquisição de comportamentos que permitem à afiliação encontrar formas de conseguir a independência, autonomia e responsabilidade necessárias, evitando, deste modo, comportamentos que, socialmente, se

considerem como inadequados ou prejudiciais (Hennig, 2008).

É neste contexto que se destacam as práticas educativas parentais, definidas por Granetto (2008), como sendo classes de comportamentos dos pais, que têm a finalidade de suprimir comportamentos indesejáveis e estimular comportamentos que sejam mais adequados para os filhos e que, por isso, resultem de objectivos e valores defendidos por estes (Camacho & Matos, 2007).

Por sua vez, os estilos parentais referem-se ao conjunto de atitudes e comportamentos dos pais, que são direccionados a um determinado objectivo e que se manifestam através das práticas parentais, assim como outros diversos aspectos de interacção entre pais e filhos (Hennig, 2008), tais como ideias e expressão de afectos (Rodrigues, 2008, citado por, Borges, 2010).

A compreensão dos estilos parentais revelou-se fundamental com as dimensões na influência do desenvolvimento da criança, agrupando-se segundo Maccoby e Martin (1983, citado por Hofferth, Pleck, & Vesely, 2012; Esteves, 2010; Lopes, 2012) em dois pontos-chave: controlo/exigência e suporte emocional/aceitação. O controlo/exigência é descrito como presenciando uma maior rigidez, englobando desde possíveis castigos físicos até castigos de dimensão mais simbólica. Por sua vez, o suporte emocional/aceitação define-se como um conjunto de sentimentos, tais como o carinho, a proximidade, o afecto, a responsividade, o suporte e o envolvimento emocional positivo que se relacionam com a vida da criança. É importante, neste contexto, perceber e distinguir estas duas dimensões, de forma a compreender os diferentes estilos parentais ao longo das diversas gerações e, assim, perceber como cada uma delas poderá influenciar o comportamento futuro dos filhos em relação à sua própria parentalidade.

Também Sprinthall e Collins (1999, citado por Fraga, 2010) dividem os estilos parentais em função de duas dimensões – primeiramente o eixo da permissividade/severidade e, em segundo, o eixo do calor humano/hostilidade. A primeira dimensão refere-se ao grau de liberdade, isto é, observam-se pais com um elevado grau de tolerância aos comportamentos do filho, não estabelecendo regras propriamente definidas (permissividade). Por outro lado, no eixo da severidade, encontram-se os pais que impõem restrições relacionadas a regras fixas e rígidas. Relativamente à dimensão calor humano/hostilidade, observa-se o amor manifestado pelos pais, onde os mais calorosos expressam livremente o afecto, com maiores níveis de aprovação e elogios. Do mesmo modo, encontram-se ainda, pais com maiores níveis de hostilidade, indiferença e desinteresse, acabando por inferiorizar os filhos, não sentindo prazer na companhia dos mesmos.

Sprinthall e Collins (1999, citado por Fraga, 2010; Weber, 2004) descrevem outro estilo parental para além dos supracitados, o estilo rejeitante-negligente, definido como um estilo descomprometido, onde a atitude dos pais não se revela reactiva ou exigente, e onde não existe uma orientação nem apoio nas actividades. Fornecem ainda, reduzidas estruturas, que limitam, aos filhos, a compreensão do mundo ou das regras sociais.

O estudo dedicado a aspectos ligados aos comportamentos e aos afectos na criação dos filhos veio dar origem a um estudo mais pormenorizado dos

estilos parentais. Segundo Baumrind (1966), a autoridade que os pais exercem sobre os filhos é influenciada pelas crenças e valores parentais, não sendo esta autoridade uma dimensão contínua. Este autor propôs um modelo de classificação dos pais, dividido em três padrões de controlo: autoritativo (ou democrático), autoritário e permissivo.

O estilo autoritativo refere-se à combinação entre elevados níveis de afecto e uma disciplina indutiva, exigências de maturidade, auto-regulação e diversas regras definidas (Campbell & Gilmore, 2007). Há um incentivo por parte dos pais relativamente à autonomia dos filhos, tal como a expressão dos seus desejos e sentimentos. No entanto, são compreensivos, resultando na promoção da segurança, da autoconfiança e maturidade dos filhos (Oliveira, 2002, citado por Marques, 2012).

Baumrind (1966) descreve também, o estilo autoritário que se caracteriza por padrões rígidos, inflexíveis e absolutos no controlo e avaliação dos comportamentos dos filhos. A autoridade e a ordem, atitudes de punição, obediência e restrição são evidenciados no papel parental, acabando por limitar a autonomia dos filhos e ressaltando a importância de valores e padrões definidos na família. A comunicação feita entre os pais e os filhos é marcada por uma responsividade reduzida, frequentemente com elevado controlo e exigência parental. É, neste sentido, descrito como uma “monopolização do poder de decisão e a valorização excessiva das regras e das normas” (Esteves, 2010, p. 4)

Ainda, o mesmo autor descreve o estilo permissivo como o modo de se comportar de maneira não-punitiva e receptiva diante do que a criança deseja. Não moldam o comportamento, limitando-se a recorrer à realização dos desejos e acções do filho.

Ainda, segundo Arrindell e van der Ende (1984), e tomando em consideração as definições propostas por Rollins e Thomas (1979, citado por Canavarro, 1996), os estilos educativos parentais podem ser entendidos segundo três factores distintos. O suporte emocional dos pais que define uma relação pais-filhos através de comportamentos de “aprovação, encorajamento, ajuda, compreensão, expressão verbal e física de amor e carinho” (p. 7), permitindo a transmissão de sentimentos de conforto e aprovação perante a presença dos progenitores.

Por sua vez, e ainda segundo os mesmos autores, a rejeição parental pode ser caracterizada pela presença de comportamentos parentais que vão desde “castigos físicos, privação de objectos ou privilégios, ou aplicação directa da força” (p.7), com o objectivo de influenciar e/ou negligenciar as necessidades do filho, definindo um conjunto de comportamentos que levam à modificação da vontade do mesmo, acabando por serem sentidos por este, como uma rejeição de si próprio enquanto indivíduo.

Na mesma linha de orientação, encontramos o factor de sobreprotecção, designado também de tentativa de controlo, pautado por comportamentos de controlo e intrusão, caracterizados pela tentativa parental de intromissão e conhecimento de todas as actividades do filho, influenciando um contacto e protecção que se consideram excessivas, essencialmente, perante situações que induzam *stress* e perante adversidades. Como tal, são motivados

comportamentos de maior infantilização com o filho, e ainda, levados à exigência de uma estrita obediência, relativamente à aplicação de regras rígidas, levando, muitas vezes, a incentivar elevados padrões de realização nalgumas áreas (ex. escola).

Recorrendo ao modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993), conclui-se que os objectivos de socialização influenciam os estilos parentais e, conseqüentemente, as práticas parentais. Ainda, estes mesmos estilos vão influenciar o desenvolvimento da criança através da relação entre as práticas parentais, os resultados desse desenvolvimento e a maior capacidade de socialização da criança por parte dos pais.

No que se refere ao modelo de competência parental de Belsky (1984), o comportamento dos pais deve permitir à criança adquirir competências que a ajudem a lidar o mais eficazmente possível com os contextos em que viverá durante a infância, adolescência e vida adulta. Desta forma, o estilo parental numa geração pode influenciar o comportamento parental na próxima geração. São, por isso, transmitidos valores familiares, crenças, comportamentos e/ou competências sociais (Beaton, Doherty, & Rueter, 2003).

Tabela 3. Síntese de estudos entre as relações precoces, a vinculação e as competências parentais

Autores	Principais resultados
Aluja, Barrio, & García (2005).	Os resultados demonstraram que sujeitos agressivos recordam estilos parentais pautados por comportamentos de rejeição, superprotecção e menos carinho. Pelo contrário, sujeitos mais benevolentes eram mais responsáveis, sensíveis, sociáveis, tendo os pais aplicado práticas parentais de maior suporte.
Bailey, DeOliveira, Wolfe, Evans, & Hartwick (2012)	Os resultados indicaram que o auto-relato parental não correspondia à observação do comportamento parental. Isto é, as famílias com experiências de violência, negligência e maltrato emocional, relacionam-se, significativamente, com as observações feitas aos comportamentos maternos hostis com os filhos, mesmo após ter sido efectuado um controlo no potencial traumático das experiências na idade adulta.
Martins (2013).	Os principais resultados demonstraram que a parentalidade “representa a emergência de uma força que possibilita a transformação pessoal dos pais, motivada para o cuidado da criança e a renovação de forças necessárias para a luta diária que representa a parentalidade. Evidencia o contínuo movimento de organização intra e interpessoal dos progenitores, que sobreleva a temporalidade da condição parental com uma reconstrução identitária” (p. v).
Carvalho (2011)	Os resultados sugeriram que o estilo de orientação materna é influenciado pela retrospectiva do relacionamento com as figuras parentais do passado.

Chung, Mahew, Rothkopf, A.	As mães que presenciaram abuso físico ou outras experiências de violência na infância, influenciam as atitudes parentais, nomeadamente, relacionadas com as palmadas, ou punições físicas mais agressivas.
----------------------------	--

Freitas (2011).	O principal resultado deste estudo demonstrou que as recordações dos cuidados parentais recebidos na infância, parecem influenciar positivamente a qualidade do investimento parental na criança. Os modelos parentais internos e dinâmicos influenciam o ajustamento parental.
-----------------	---

1.4 Os herdeiros da parentalidade

“Quando criamos uma criança, estamos potencialmente a criar um futuro pai” (Fuertes, 2011, p. 98).

Aglutinando todas as vertentes teóricas e empíricas abordadas, é possível destacar que as identificações e relações estabelecidas ao longo da infância, influenciam e determinam a forma como cada indivíduo desempenhará o papel parental. O padrão de vinculação estabelecido pela mãe com a sua própria figura materna, é pois, um importante factor de predição para as futuras relações de vinculação estabelecidas com os outros e, mais tarde, com os filhos (Zorning, 2010).

Torna-se assim cada vez mais necessário referir a importância da percepção das memórias infantis para o exercício da parentalidade (Freitas, 2011). A literatura especula que as experiências infantis relativas ao comportamento dos pais influenciam a parentalidade dos filhos e, posteriormente, também são influenciados pelos acontecimentos individuais ao longo da vida. Constata-se que os pais tendem a usar estratégias e práticas que foram experienciados na sua infância (Chen et al., 2008). Assim, factores contextuais, individuais e relativos à infância, podem determinar, sob vários ângulos, a parentalidade (Belsky & Jaffee, 2006).

Consequentemente encontra-se o conceito de transmissão intergeracional definido como um padrão de vinculação que se inscreve na “árvore da vida” (Stern & Stern, 1998, 2000, citado por Carvalho, 2011), identificando, por isso, repetidos padrões relacionais da geração anterior ou, pelo contrário, recompondo padrões antigos (Lebovici, 1995). Esta transmissão surge devido ao estado de transparência psíquica, definido por Bydlowski, (1997, citado por Carvalho, 2011) como a diminuição do recalçamento onde a mãe desenvolveria um estado de identificação a uma representação materna originária, ou seja, na gravidez actual, esta recordaria memórias afectivas presentes na sua história de vinculação primária com o seu objecto de amor (mãe arcaica).

Também, Van IJzendoorn (1992, citado por Lopes, 2012) define transmissão intergeracional como um processo no qual uma geração influencia psicologicamente, de forma directa ou indirecta, atitudes e comportamentos que a geração seguinte utiliza na educação dos filhos. Esta definição considera a existência de uma continuidade contextual. Por sua vez, Kae (s.d, citado por Marques, 2008) completa, definindo este conceito englobando a transmissão psíquica, como sendo o que reflecte aquilo que foi

transmitido ao indivíduo e que este, por sua vez, transmitirá aos outros. Esta transmissão representa padrões de funcionamento contínuos que se transmitem de geração em geração através de mitos, tabus, expectativas e crenças familiares (Rolland, s.d, citado por Marques, 2008).

A literatura demonstra que sujeitos com cuidados parentais caracterizados com maior suporte, menos intrusivos e mais sensíveis ao longo da infância, adaptam-se de forma mais positiva no papel de pais, e por isso, na interacção com os seus próprios filhos. Mas também, sujeitos que relatam terem pais que promoveram comportamentos de aceitação e carinho, tendem a demonstrar maior capacidade de resposta para com os seus filhos (Chen & Kaplan, 2001).

Encontram-se diversos estudos na literatura que focam a atenção no investimento emocional. Assim, a vinculação segura é promovida através de pais com um maior investimento emocional e, conseqüentemente, mais sensíveis aos cuidados prestados ao filho. Desta forma, a probabilidade de uma criança vir a desenvolver capacidades de relacionamento positivas com os pais, pares, outros sujeitos significativos e até com os seus futuros descendentes, aumenta (Gameiro et al., 2008). Pelo contrário, os pais com um investimento parental mais reduzido, frequentemente devido a condições ambientais pautadas pelo *stress* ou recursos escassos, incrementam nos filhos um ambiente de maior privação emocional e, por sua vez, uma vinculação mais insegura. Implicará assim, maiores limitações no investimento prestado às pessoas significativas, bem como aos próprios descendentes.

Ao examinarem o relacionamento entre a percepção das crianças acerca das dissimilaridades das práticas parentais e os problemas externos e internos das crianças, Berkien, Louwerse, Verhulst, & Ende (2012) concluíram que quanto mais dissimilaridades os pais apresentam entre eles maiores os riscos de problemas de comportamentos emocionais nas crianças.

Tabela 4. Síntese global da importância da transmissão intergeracional

Autores	Principais resultados
Weber, Selig, Bernardi, & Salvador (2006).	Os resultados do estudo demonstraram que existe intergeracionalidade em 91,7% dos casos analisados. A ausência de intergeracionalidade seria por isso explicado devido a mudanças socioculturais.
Capaldi, Pears, Patterson, & Owen (2003).	Os resultados sugeriram que as crianças aprendem as técnicas parentais na família de origem e reproduzem-nas anos mais tarde. Foi encontrado, por isso, o efeito directo da transmissão intergeracional da parentalidade.
Chen & Kaplan (2001).	Os resultados confirmaram a ideia de transmissão entre gerações e, a hipótese de que as relações interpessoais, a participação social e o modelamento específico explicam a continuidade presente entre as gerações. As implicações decorrentes da teoria da vinculação e da reconstrução dos modelos internos desenvolvidos na infância, ajudam na compreensão da continuidade parental.

Marques (2012)	O estudo veio confirmar o facto de existir uma transmissão geracional, ou seja, o estilo educativo parentais de avós influencia o desenvolvimento e padrões comportamentais parentais dos pais que, por sua vez, influencia o desenvolvimento nos filhos. No entanto, os autores ressaltam a importância dos factores contextuais na possível influência do desenvolvimento futuro dos filhos.
Pasold (2006).	Práticas parentais mais negativas (rejeição, maus-tratos, etc.) influenciam o desenvolvimento do sujeito de forma negativa, acabando por se reflectir na parentalidade futura, ocorrendo, deste modo, a transmissão intergeracional.
Shaffer, Burt, Obradovic, Herbers, & Masten (2009)	Os resultados do estudo descrito no presente artigo demonstrou que existe uma transmissão geracional das competências parentais e que, a competência social adquirida cria um padrão, influenciando ele também a transmissão da parentalidade entre gerações. As práticas educativas mais positivas tendem a enriquecer as competências sociais que, por sua vez, são transmitidas na parentalidade.

1.5 Síntese do enquadramento conceptual

Algumas investigações (Conway & Holmes, 2004; Conway & Pleydell-Pearce, 2000; Habermas & Bluck, 2000; McAdams, 2001) destacaram a importância das percepções feitas às memórias infantis e as suas influências no desenvolvimento psíquico do indivíduo, nomeadamente, nas relações que este vai criando ao longo do seu ciclo de vida.

Por isso, a vinculação que se estabelece com as figuras parentais permitirá à criança relacionar-se de forma mais saudável com o mundo e com ela própria. A relevância da figura cuidadora relaciona-se com os modelos internos dinâmicos, ou seja, estes formam um sistema de representações que permite ao cuidador guiar os seus sentimentos e expectativas acerca de si e dos outros, ao nível das suas relações íntimas (Brethton, Biringer, Ridgeway, Maslin & Sherman, 1989, citado por Freitas, 2011). Sendo que, deste modo, estes modelos influenciam uma maior adaptação do sujeito ao seu papel enquanto cuidador, orientando todas as atitudes e comportamentos relativos à prestação de cuidados (Goldberg, 1983).

Sousa (2009) considera que “a relação estabelecida entre pais e filhos desde o seu nascimento é um factor fundamental para um equilíbrio do desenvolvimento social e mental dos indivíduos” (p. 1). Sendo, por isso, importante realçar que apesar dos padrões de vinculação não serem imutáveis ao longo do ciclo de vida, ainda assim, é encontrada na literatura a importância das memórias de infância para o desenvolvimento e perpetuação destes padrões no adulto. Uma vez que a criança é dependente dos seus cuidadores, estas constroem a representação do *self*, das relações com os outros, do mundo e da construção da regulação dos afectos, tal como lhes é propiciado pelas pessoas significativas (Connell-Carrick, 2010; Davies, 2011; Machado, 2009).

Como tal, são abordados diferentes perspectivas acerca do

desenvolvimento de um conjunto de competências parentais, presentes em diversos modelos teóricos, que nos ajudam a caracterizar as atitudes, comportamentos e crenças, transmitidas aos filhos, tendo sido desenvolvidas pelos pais desde a infância (Baumrind, 1996; Belsky, 1984; Rollins e Thomas 1979; Zorning, 2010)

Partindo de todas as teorias investidas na literatura destaca-se, fundamentalmente, a ligação que se poderá tecer entre elas, levando a realçar que as memórias infantis dos pais influenciam o desenvolvimento do indivíduo, essencialmente na forma como apreendem e lidam com os que os rodeiam, transmitindo essas características para a parentalidade (Belsky & Jaffee, 2006; Fuertes, 2011).

II - Objectivos

Numa análise global, feita através da revisão da literatura, são encontrados um número elevado de estudos acerca da relação das memórias infantis com alguns aspectos da personalidade dos indivíduos, bem como da influência que estas exercem em diversos domínios da vida dos sujeitos (Belsky, Jaffee, Sligo, Woodward, & Silva, 2005; Carvalho, 2011; Fonagy, & Target, 2005; Fuertes, 2011; Oliveira, 2008; Zimmermann, Eisemann, & Fleck, 2008). Algumas investigações realizadas apontam para a existência de uma influência entre as memórias infantis dos pais e os respectivos padrões de vinculação, demonstrados na relação com os outros, como também influenciando as competências parentais (Aluja, Barrio, & García, 2005; Fraga, 2010; Hennig, 2008; IJzendoorn, 1995; Martins, 2013; Sousa, 2009).

A presente investigação define, por isso, como objecto de estudo, procurar perceber se as memórias de infância dos pais influenciam as competências parentais desempenhadas por estes actualmente. Ainda, e procurando assim, complementar os estudos já existentes, visa integrar objectivos mais específicos, acerca da influência das memórias infantis dos pais no padrão de vinculação que o indivíduo estabelece na relação com os outros, e ainda perceber se esse padrão poderá estar relacionado com as competências parentais.

Neste sentido, e atendendo aos resultados dos estudos preliminares, será importante conseguir responder às seguintes questões:

- As memórias infantis dos cuidadores influenciam as competências parentais que actualmente exercem?
- As memórias de infância positivas e negativas trazem diferentes influências para a aquisição de competências parentais?
- As memórias de infância dos pais relacionam-se com o estilo de vinculação que estes actualmente mantêm com os outros?
- Os estilos de vinculação influenciam as práticas parentais educativas?
- Existem diferenças, entre o pai e a mãe, no entender das práticas parentais e no relacionamento com as suas memórias de infância?

III - Metodologia

3.1 Delineamento do estudo

Face aos objectivos delimitados nesta investigação, procedeu-se a um estudo correlacional por amostragem, do tipo transversal, focando-se numa abordagem de natureza quantitativa.

Os estudos correlacionais por amostragem pretendem obter informação de uma população através de uma amostra representativa dessa mesma população (Marôco, 2014). Estes estudos, também designados de não experimentais, têm como principal objectivo avaliar a relação entre as variáveis estudadas (Sampieri, Collado & Lucio, 2006), sendo que o investigador não detém qualquer controlo nessas mesmas variáveis, isto é, não há forma de as manipular. Simultaneamente, o carácter não-experimental não permite que sejam inferidas relações de causalidade, ou seja, a relação causa-efeito não pode ser totalmente controlada, a não ser que a associação feita entre variáveis permita que se estabeleça uma direcção específica entre elas, assegurando que quaisquer oscilações presentes na VD não se deva à influência de uma terceira variável, que se diferencie, por isso, nas VI's. Ademais, o presente estudo não recorre ao controlo de eventuais variáveis parasitas (relação conjugal, acompanhamento psicológico dos participantes, eventos traumáticos, etc.), levando à impossibilidade de inferir relações de causalidade (Alferes, 1997).

Esta investigação é de tipo transversal dado que se procede, uma única vez, à recolha dos dados (Shaughnessy, Zechmeister, & Zechmeister, 2012). A natureza quantitativa neste estudo pretende medir o grau e relação entre as variáveis, quantificando-as, como também analisar as correlações obtidas entre elas (Sampieri et al., 2006). Assim, é possível perceber quais as relações que se poderão estabelecer entre as memórias de infância dos pais, o estilo de vinculação destes com os outros, bem como as competências parentais que estes actualmente exercem.

3.2 Amostra

A amostra recolhida pode ser considerada de amostra não probabilística accidental, causal ou conveniente (Marôco, 2014), tendo sido recolhida através de pedidos informais, a sujeitos conhecidos pelo investigador. A mesma é constituída por 102 participantes, que são actualmente pais, divididos de forma, aproximadamente, equitativa em sujeitos do sexo feminino e sujeitos do sexo masculino.

Uma vez que foram utilizadas as escalas de avaliação do EMBU e do EVA, destacaram-se os seguintes critérios de inclusão para o estudo: 1) sujeitos com nacionalidade portuguesa; 2) sujeitos com filhos de idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos.

É de salientar que foram recolhidos, no total, 109 questionários, tendo sido apenas utilizados 102. Os restantes 7 questionários não apresentavam condições de aplicabilidade para este estudo, nomeadamente, alguns participantes não correspondiam aos critérios de inclusão, como também não

responderam a um número considerável de perguntas, das respectivas escalas utilizadas.

3.3 Procedimentos de investigação

Num primeiro momento, a recolha da amostra passou pelo contacto com a Confederação Nacional da Associação de Pais, não tendo sido obtida resposta. Como tal, procedeu-se à realização de pedidos informais, a sujeitos conhecidos pelo investigador.

Seguidamente, procedeu-se à entrega dos questionários aos participantes, realizados de duas formas: em formato papel, tendo sido, por isso, explicado, presencialmente, os objectivos do estudo, bem como todo o protocolo de investigação; e em formato digital, sendo explicados, por *e-mail*, os mesmos tópicos.

Apesar de ter sido explicitado o estudo aos participantes, antes da entrega dos questionários, o protocolo de investigação incluiu também, uma primeira página, explicando todo o procedimento do estudo. É ainda constituído por um consentimento informado, de modo a garantir a confidencialidade e anonimato do participante, bem como a autorização do mesmo nesta investigação; um questionário sociodemográfico, de forma a despistar eventuais diferenças entre variáveis, nomeadamente, entre as variáveis independentes (ex: idade dos pais, idade dos filhos, habilitações, etc.) e as respectivas dimensões das escalas utilizadas; e ainda, as escalas de avaliação, aplicados pela seguinte ordem:

1. EMBU – memórias de infância;
2. Escala de Vinculação do Adulto (EVA);
3. EMBU – Pais.

O questionário sociodemográfico permitiu acrescentar alguns dados que, tenderiam, a ser relevantes para este estudo, complementado a informação obtida nas escalas de avaliação. As escalas supracitadas foram utilizadas, uma vez que se encontram aferidas para a população portuguesa e apresentam uma boa validade psicométrica, especialmente, no que concerne a consistência interna dos itens (Canavarro, 1996; Canavarro, Dias & Lima, 2006; Canavarro & Pereira, 2007).

O protocolo de investigação foi entregue aos sujeitos em suporte papel, como também, em formato digital, através de uma plataforma *online*, e recolhidos numa fase posterior, devidamente preenchidos. A participação nesta investigação teve uma duração de, aproximadamente, 15 minutos.

3.4 Instrumentos de avaliação

3.4.1 Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico pretende caracterizar a amostra de forma mais detalhada, permitindo assim, complementar algumas informações que poderão ser relevantes para o estudo. Como tal, a primeira parte do questionário relaciona-se com informações sociodemográficas (sexo, idade,

nacionalidade, profissão, estado civil e escolaridade), sendo a segunda parte composta de perguntas relacionadas com o agregado familiar (número de filhos, idade do filho, posição na fratria, agregado familiar da infância do sujeito e agregado familiar actual).

3.4.2 EMBU-Memórias de Infância

A escala de avaliação EMBU – memórias de infância (com as iniciais de origem sueca – Eгна Minnen av Barndoms Uppfostram), foi originalmente criada por Perris e colaboradores (Pierre, Jacobsson, Lindstrom, von Knorring, & Perris, 1980, citado por Canavarro, 1996), sendo esta, a versão portuguesa de Canavarro (1996).

É um instrumento relativamente curto, composto por 23 questões que avaliam as práticas educativas parentais durante a infância do indivíduo, separando essa avaliação em relação ao pai e à mãe. Agrupa-se em 3 dimensões: rejeição, suporte emocional e superprotecção. A dimensão de rejeição é referente ao comportamento de rejeição dos pais, modificando a vontade e o comportamento do filho. O suporte emocional traduz uma ideia de aprovação e conforto do filho por parte dos pais. A última dimensão, sobreprotecção, refere-se à imposição de regras rígidas e elevado grau de exigência para a obediência, bem como um elevado grau de intromissão nas actividades dos filhos levando, deste modo, a uma maior sobreprotecção em experiências que induzem *stress* e adversidades (Canavarro, 1996).

3.4.3 Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A Escala de Vinculação do Adulto foi originalmente desenvolvida por Collins e Read (e revista, pelos mesmos autores, em 1990), designando-se de *Adult Attachment Scale-R*. A versão portuguesa foi desenvolvida por Canavarro, em 1996, e pretende avaliar as relações de vinculação que o adulto estabelece com os outros.

É composta por 18 itens que avaliam três dimensões: Ansiedade, Contacto com a Proximidade e Confiança nos Outros (Canavarro, Dias & Lima, 2006). A primeira dimensão é identificada pela intensidade da ansiedade, relativamente à preocupação que o indivíduo sente em relação à possibilidade de ser rejeitado ou abandonado. Por sua vez, o contacto com a proximidade tenta compreender de que forma o indivíduo se sente confortável quando estabelece relações próximas e íntimas com os outros. Por último, a confiança nos outros que se relaciona com a forma como o indivíduo percebe a necessidade de depender dos outros perante situações ou acontecimentos onde necessitam deles (Canavarro, et al., 2006).

3.5 Procedimentos estatísticos

Sendo o presente estudo de natureza quantitativa, recorreu-se a uma análise estatística dos resultados, utilizando o programa *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* na versão 20.0 para *Windows*.

A fim de caracterizar a amostra e as respectivas subescalas, foram

utilizadas as estatísticas descritivas de modo a calcular as médias, os desvios-padrão, as frequências e as percentagens de cada variável. Ainda, procedeu-se à verificação das condições/pressupostos necessários à realização de testes paramétricos. Como tal, foi utilizado o teste de Kolmogorov-Smirnov (Correcção de Lilliefors), uma vez que a amostra é superior a 30 sujeitos (Marôco, 2014).

Assim sendo, procedeu-se à análise das características da curva de distribuição normal, através dos coeficientes de assimetria (enviesamento) e do coeficiente de achatamento ou de *kurtose* (Marôco, 2014). Sendo que estes coeficientes foram baseados no cálculo da diferença entre o coeficiente de assimetria ou achatamento e os respectivos erros padrão, a rejeição da curva normal (ou mesocúrtica) foi aplicada sempre que o resultado desta diferença fosse inferior a -1.96 ou superior a 1.96 (Pestana & Gameiro, 2005).

A homogeneidade das variâncias foi calculada através do teste de Levene, de forma a testar o pressuposto da homocedasticidade, sendo o mesmo considerado robusto a desvios à normalidade. Seguidamente, e ainda de forma a complementar a análise, procedeu-se à verificação da presença de *outliers* (Marôco, 2014).

Através da análise destes pressupostos, conclui-se que a amostra e algumas subescalas não se apresentam dentro das características da distribuição da curva normal, tendo sido, por isso, violado o pressuposto da normalidade (*cf.* anexo 2). Ainda que Marôco (2014) assuma que os testes paramétricos não sejam afectados, de modo significativo, à violação deste pressuposto, a análise dos coeficientes de enviesamento e *kurtose* não apresentam uma curva mesocúrtica simétrica, logo seria impossível a utilização correcta destes testes (*cf.* anexo 3).

No que concerne à homogeneidade das variâncias, testado para o grupo de pais, do sexo masculino e do sexo feminino, obtiveram-se resultados superiores a .05 (*cf.* anexo 2), encontrando-se, deste modo, cumprido o pressuposto da homogeneidade. No entanto, embora este pressuposto tenha sido cumprido, denota-se a elevada presença de *outliers*, na maioria das subescalas analisadas, diminuindo, por isso, a sua robustez (Marôco, 2014).

Como tal, perante estes resultados, optou-se pela utilização de testes não-paramétricos (Marôco, 2014).

Com o intuito de testar diferenças, comparando as funções de distribuição da variável sexo e posição na fratria com as respectivas dimensões das escalas aplicadas neste estudo, utilizou-se o teste de Wilcoxon-Mann-Whitney para amostras independentes. Também, de modo a analisar diferenças, comparado as funções de distribuição entre a variável idade do(a) filho(a) e as dimensões das escalas, procedeu-se ao teste Kruskal-Wallis (Marôco, 2014).

As restantes variáveis obtidas no questionário sociodemográfico, não foram alvo de comparação, dado que não apresentam uma distribuição, relativamente, uniforme dos sujeitos pertencentes à amostra obtida.

No que concerne à análise das correlações, de forma a medir a associação entre as variáveis, procedeu-se à análise do Kendall Tau-b, sendo que este teste é considerado mais preciso, apresentando melhores estimativas

de correlação para uma população, comparativamente à correlação de Spearman (Arndt, Turvey & Andreasen, 1999; Croux & Dehon, 2010). Deste modo, pretende-se analisar as associações existentes entre todas as dimensões das escalas utilizadas, para o total da amostra. Sem definições precisas, encontradas na literatura, os valores absolutos das associações são consideradas fracas quando W é inferior a .25, entre .25 e .5 a correlação considera-se moderada, entre .5 e .75 a correlação é forte, e quando W é superior a .75 representa uma correlação muito forte (Marôco, 2014).

Os níveis de confiança estatísticos utilizados foram de 95 ($p < .05$) e 99% ($p < .01$), respectivamente.

IV - Resultados

4.1 Caracterização da amostra

Através da observação da tabela 5 podemos constatar que a amostra se divide em sujeitos do sexo masculino (46,1%) e sujeitos do sexo feminino (53,9%), com idades, essencialmente, entre os 30-40 anos (41,2%) e os 40-50 anos (51%) respectivamente.

Grande parte dos pais desta amostra são casados (82,4%), com escolaridade distribuída pelo ensino básico (34,3%), secundário (28,4%) e superior (37,3%), tendo, na sua maioria, uma situação profissional activa (88,2%). Relativamente ao número de filhos de cada sujeito, foram recolhidos, maioritariamente, pais com dois filhos (68,6%), sendo que, os filhos, tinham uma média de idades de 11,60 anos, e correspondendo, na sua maioria, ao primeiro filho da fratria (63,7%).

No que concerne o agregado familiar dos sujeitos durante os primeiros 16 anos de vida, maior parte viveu com os pais e o(s) irmão(s) (60,9%). Relativamente ao agregado familiar actual dos mesmos, 84,3% vive em casal e com os respectivos filhos.

Tabela 5. Caracterização das variáveis sociodemográficas

Variáveis	Amostra obtida (N=102)	Percentagem da amostra (N=100%)	Média (Desvio-Padrão)
Sexo	N	N%	
Masculino	47	46.1	
Feminino	55	53.9	
Idade	N	N%	M (DP)
30-40 anos	42	41.2	
41-50 anos	52	51	42.42 (5.98)
51-60 anos	8	7.8	
Nacionalidade	N	N%	
Portuguesa	102	100	
Profissão	N	N%	
Activo	90	88,2	
Desempregado	12	11,8	

Estado Civil	N	N%	
Casado(a)	84	82,4	
União de facto	7	6,9	
Viúvo(a)	2	2,0	
Divorciado(a)	9	8,8	
Escolaridade	N	N%	
Ensino Básico	35	34,3	
Ensino Secundário	29	28,4	
Ensino Superior	38	37,3	
Número de Filhos	N	N%	M (DP)
1	19	18,6	
2	70	68,6	1.94 (0.56)
≥ 3	13	12,7	
Idade do Filho	N	N%	M (DP)
8-10 anos	39	38,2	
11-13 anos	35	34,3	11.60 (2.47)
14-16 anos	28	27,5	
Posição na Fratria	N	N%	M (DP)
1º	65	63,7	
≥ 2º	37	36,3	1.43 (0.64)
Agregado familiar até aos 16 anos	N	N%	
Pais	19	18,6	
Pais e irmãos	62	60,8	
Pais e outros familiares (ex. avós, tios, irmãos)	15	14,7	
Outros familiares	3	2,9	
Mãe e/ou outros familiares	1	1	
Pai e/ou outros familiares	1	1	
Pessoas externas à família (ex. internatos)	1	1	
Agregado familiar actual	N	N%	
Casal e filho(s)	86	84,3	
Filho(s)	5	4,9	
Casal sem o(s) filho(s)	1	1	
Casal, filho(s) e outro(s) familiar(es)	2	2	
Pais e/ou outro(s) familiar(es)	6	5,9	
Pai ou Mãe e filho(s)	2	2	

4.2 Caracterização das dimensões da escala

O presente tópico aborda os resultados obtidos nas pontuações das dimensões das três escalas utilizadas, tendo em conta a caracterização da amostra total (*cf.* anexo 3).

4.2.1 EMBU-Memórias de Infância

Partindo da análise dos factores da escala do EMBU-Memórias de Infância, pode-se constatar que, em relação ao pai, o suporte emocional tem pontuações mais elevadas, apresentando uma média de 18.72 (SD = 4.54), com o respectivo valor mínimo de 7 e máximo de 28, demonstrando uma amplitude de variação correspondente a 20.58. No que concerne à análise das medidas de forma, podemos caracterizar a distribuição da amostra, neste factor, segundo um coeficiente de assimetria (g_1) de -0.212 (SE = 0.239), indicando a presença de uma distribuição tendencialmente simétrica, e de um coeficiente de achatamento (g_2) de -0.424 (SE = 0.474), revelando a presença de uma curva mesocúrtica. Por fim, realizou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov, pretendendo testar a normalidade da distribuição, no qual se verificou que a mesma cumpre com o pressuposto da normalidade ($p = 0.277$), ao considerarmos o valor de significância de .05.

Ainda em relação ao pai, o factor de sobreproteção apresenta um valor médio de 14.50 (SD= 2.79), com pontuações mínimas e máximas de 8 e 21 respectivamente, tendo uma amplitude de variação de 7.76. Relativamente à análise das medidas de forma, foi possível verificar a presença de uma distribuição, tendencialmente, simétrica ($g_1 = 0.1$; SE = 0.239) e mesocúrtica ($g_2 = -0.354$; SE= 0.474). Analisando o teste de Kolmogorov-Smirnov, é possível inferir que a amostra apresenta uma distribuição normal ($p = .114$).

O factor rejeição, em relação ao pai, apresentou pontuações mais baixas, com uma média de 10.49 (SD = 2.4), para um mínimo de 8 e o máximo de 20, correspondendo a uma amplitude de variância de 5.74. Os resultados obtidas através da análise da distribuição da amostra, indicou um coeficiente de assimetria de 1.434 (SE = 0.239) e um coeficiente de achatamento de 2.533 (SE = 0.474), demonstrando uma distribuição assimétrica à direita e com um achatamento do tipo leptocúrtico, respectivamente. Ainda, este factor não apresenta uma distribuição normal ($p < .01$), segundo o teste de Kolmogorov-Smirnov.

No que se refere às pontuações obtidas em relação à mãe, as pontuações mais elevadas também se destacam no factor suporte emocional, apresentando uma média de 19.16 (SD = 4.9), com pontuações mínimas de 10 e máximas de 28, tendo uma amplitude de variação de 24.02. O coeficiente de assimetria de -0.146 (SE = 0.239), revela a presença de uma distribuição, tendencialmente, simétrica, sendo que o coeficiente de achatamento de -0.929 (SE = 0.474), indica uma distribuição, tendencialmente, platicúrtica. Como tal, e segundo o teste de Kolmogorov-Smirnov, este factor não se enquadra dentro da normalidade ($p < .01$).

Por sua vez, o factor sobreprotecção materno indicou uma média de pontuações de 14.44 (SD = 2.81), situada entre um mínimo de 8 e um máximo de 21, com uma amplitude de variação de 7.87. A amostra, neste factor, segue

uma distribuição simétrica e mesocúrtica, tendo em consideração os coeficientes de assimetria ($g1 = 0.79$; $SE = 0.239$) e achatamento ($g2 = -0.437$; $SE = 0.474$), indicando por isso, que a mesma segue o princípio da normalidade ($p = 0.117$).

Tal como foi observado no pai, as pontuações mais baixas, em relação à mãe, corresponderam ao factor de rejeição, com uma média de pontuações de 11.87 ($SD = 3.08$), tendo um mínimo de 9 e um máximo de 26 respectivamente, sendo a amplitude de variação de 9.5. Perante a análise das medidas de forma, são encontrados valores para o coeficiente de assimetria ($g1 = 2.093$; $SE = 0.239$) e achatamento ($g2 = 5.607$; $SE = 0.474$) que indicam uma distribuição amostral assimétrica à direita e do tipo leptocúrtico. Pode concluir-se por isso, que o princípio da normalidade não foi cumprido ($p < .01$).

4.2.2 EVA

Tomando em consideração a análise feita aos factores do EVA, pode-se destacar valores mais elevados no factor de ansiedade, correspondendo a uma média de 3.52 ($SD = 0.54$), com pontuações mínimas e máximas de 2.17 e 4.83 respectivamente, e tendo uma amplitude de variação de 0.29. Relativamente à análise das medidas de forma, obteve-se um coeficiente de assimetria de -0.35 ($SE = 0.239$), apontando para uma distribuição amostral, tendencialmente, simétrica. Por sua vez, o coeficiente de achatamento obteve valores de -0.278 ($SE = 0.474$), representando uma distribuição mesocúrtica. Ainda assim, efectuou-se o teste de Kolmogorov-Smirnov, confirmando a presença de normalidade na distribuição amostral ($p = .442$).

O factor confiança nos outros apresenta uma média de pontuações de 3.25 ($SD = 0.52$), situando-se entre um mínimo de 1.83 e um máximo de 4.50, segundo uma amplitude de variação de 0.27. O coeficiente de assimetria e achatamento indicaram valores de -0.13 ($SE = 0.239$) e 0.71 ($SE = 0.474$) respectivamente. Como tal, é possível inferir que a distribuição é tendencialmente simétrica e mesocúrtica, confirmando assim, o princípio da normalidade ($p = .149$) obtido através do teste de Kolmogorov-Smirnov.

As pontuações mais baixas corresponderam ao factor ansiedade, com uma média de pontuações de 1.98 ($SD = 0.77$), com pontuações mínimas de 1 e máximas de 4.83, sendo a amplitude de variação de 0.594. No que concerne a distribuição amostral, obteve-se um coeficiente de assimetria de 1.216 ($SE = 0.239$) e um coeficiente de achatamento de 1.894 ($SE = 0.474$), indicando uma distribuição assimétrica à direita e do tipo leptocúrtico. Tais valores confirmam o teste de Kolmogorov-Smirnov, não apresentando uma distribuição normal ($p < .01$).

4.2.3 EMBU-Pais

Analisando os factores da escala do EMBU-Pais, foi possível salientar o factor suporte emocional, obtendo pontuações mais elevadas ($M=47.48$; $SD=5.7$), delimitadas entre um mínimo de 31 e um máximo de 56 pontos, e tendo uma amplitude de variação de 32.53. Na observação feita às medidas de

forma, é possível inferir a presença de uma distribuição assimétrica à esquerda, medida através do coeficiente de assimetria ($g1 = -1.078$; $SE = 0.239$), do tipo, tendencialmente, leptocúrtica, medida através do coeficiente de achatamento ($g2 = 0.563$; $SE = 0.474$). O teste de Kolmogorov-Smirnov permitiu confirmar que o princípio da normalidade não foi obtido ($p < .01$).

O factor tentativa de controlo obteve uma média de 26.60 ($SD = 4.21$), com uma pontuação mínima de 18 e uma pontuação máxima de 42, sendo a amplitude de variação de 17.69. O coeficiente de assimetria de 0.179 ($SE = 0.239$), revelou a presença de uma distribuição simétrica, tendo por sua vez, o coeficiente de achatamento de 0.495 ($SE = 0.474$), indicado uma distribuição mesocúrtica. Através do resultado obtido no teste de Kolmogorov-Smirnov, é possível inferir a presença do princípio da normalidade ($p = .313$).

Com pontuações mais baixas, destacou-se o factor de rejeição, obtendo uma média de 27.04 ($SD = 4.58$), variando entre um mínimo de 19 e um máximo de 40, tendo obtido uma amplitude de variação de 20.99. Ainda, segunda as análises feitas através das medidas de forma, é possível inferir que a distribuição se encontra tendencialmente simétrica ($g1 = 0.441$; $SE = 0.239$) e mesocúrtica ($g2 = 0.003$; $SE = 0.474$), confirmando o princípio da normalidade ($p = .061$) obtido no teste de Kolmogorov-Smirnov.

4.3 Consistência Interna

Para a análise da confiabilidade das dimensões das escalas do EMBU-Memórias de Infância, Eva e EMBU-Pais foi aplicada a escala de medida da consistência interna, através do cálculo do Alfa de Cronbach. Partindo da análise dos resultados verificou-se que, a consistência interna, tomando em consideração todas as escalas aplicadas, varia entre .461 e .860 (cf. tabela 6). Tendo em conta que o alfa de Cronbach é muito sensível à dimensão reduzida dos itens das dimensões (<10 itens), podemos considerar que as dimensões das escalas do EMBU-Memórias de Infância e do EMBU-Pais tenham um bom indicador de consistência interna. A escala do EVA, também sugere bons indicadores de consistência interna nas dimensões de ansiedade e conforto com a proximidade, no entanto, para dimensão confiança nos outros, o alfa representa uma fraca consistência interna ($\alpha = .461$), levando a não considerar esta medida válida. Ainda que a medida seja válida, apresenta um erro de medida elevado, influenciando resultados não-significativos, uma vez que a variabilidade observada poderá afectar o poder dos testes estatísticos que possam ser realizados (Pestana & Gageiro, 2005).

Assim sendo, todos os resultados obtidos na presente investigação, referentes à dimensão de confiança nos outros, deverão ser devidamente interpretados, colocando sempre a possibilidade dos dados não representarem, tendencialmente, uma elevada fidelidade.

Tabela 6. Consistência interna

	Alfa de Cronbach	Número de Itens
EMBU-Memórias de Infância		
Suporte Emocional - Pai	.860	7
Rejeição – Pai	.623	8

Sobreprotecção – Pai	.665	7
Suporte Emocional – Mãe	.895	7
Rejeição – Mãe	.774	9
Sobreprotecção – Mãe	.657	7
EVA		
Ansiedade	.882	6
Conforto com a Proximidade	.611	6
Confiança nos Outros	.461	6
EMBU-Pais		
Suporte Emocional	.870	14
Rejeição	.765	17
Tentativa de Controlo	.690	11

4.4 Influência das variáveis sociodemográficas

4.4.1 Influência da variável sexo

A fim de explorar as diferenças entre o sexo masculino e feminino, para todas os factores das escalas utilizadas na presente investigação, foi aplicado o teste de Mann-Whitney, para um intervalo de confiança de 95%. Assim sendo, a análise revelou que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino em, praticamente, todos os factores das escalas (*cf.* tabela 7). No entanto, para os factores suporte emocional ($U = 1.780$; $p < .01$) e tentativa de controlo ($U = 1.736$; $p < .01$), presenciaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o sexo masculino e feminino (*cf.* tabela 7). Como tal, os sujeitos do sexo feminino parecem ter uma distribuição mais elevada no suporte emocional, bem como na tentativa de controlo, comparativamente aos sujeitos do sexo masculino que tendem a demonstrar uma distribuição mais uniforme, relativamente ao suporte emocional e à tentativa de controlo (*cf.* anexo 4).

Tabela 7. Diferenças entre a variável sexo e os factores das escalas do EMBU-Memórias de Infância, EVA e EMBU-Pais

	Mann-Whitney U	Sig.
EMBU-Memórias de Infância		
Suporte Emocional - Pai	1260.5	.829
Rejeição – Pai	1255	.798
Sobreprotecção – Pai	1289.5	.984
Suporte Emocional – Mãe	1211.5	.586
Rejeição – Mãe	1208.5	.568
Sobreprotecção – Mãe	1217	.610
EVA		
Ansiedade	1104.5	.205
Conforto com a Proximidade	1268.5	.871
Confiança nos Outros	1234	.693
EMBU-Pais		
Suporte Emocional	804.5	.001

Rejeição	1262	.837
Tentativa de Controlo	849	.003

4.4.2 Influência da escolaridade

A aplicação do teste de Kruskal-Wallis entre a variável escolaridade dos pais e os factores das escalas utilizadas neste estudo, não revelaram diferenças estatisticamente significativas (*cf.* tabela 8). Por isso, pode dizer-se que a escolaridade não influencia os padrões de vinculação no adulto, nem os estilos parentais educativos atribuídos aos filhos. Por sua vez, as memórias dos estilos parentais educativos dos pais não influenciam a escolaridade, ou vice-versa.

Tabela 8. Diferenças entre a variável escolaridade e os factores das escalas do EMBU-Memórias de Infância, EVA e EMBU-Pais.

	Chi-Square	Sig.
EMBU-Memórias de Infância		
Suporte Emocional - Pai	3.727	.155
Rejeição – Pai	5.666	.059
Sobreprotecção – Pai	4.879	.087
Suporte Emocional – Mãe	5.748	.056
Rejeição – Mãe	1.376	.503
Sobreprotecção – Mãe	0.178	.915
EVA		
Ansiedade	4.425	.109
Conforto com a Proximidade	2.267	.322
Confiança nos Outros	5.705	.058
EMBU-Pais		
Suporte Emocional	3.250	.197
Rejeição	0.151	.927
Tentativa de Controlo	6.199	.045

4.4.3 Influência da idade do(a) filho(a)

A influência da idade do(a) filho(o) nos factores da escala do EMBU-Pais foi medida através do teste de Kruskal-Wallis para amostras independentes. Assim, os resultados obtidos não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre esta variável e os respectivos factores da escala (*cf.* tabela 9). Conclui-se assim, que as pontuações dos instrumentos em análise não diferem em função da idade do(a) filho(a).

Tabela 9. Diferenças entre a variável idade do(a) filho(a) e os factores da escala do EMBU-Pais.

	Chi-Square	Sig.
EMBU-Pais		
Suporte Emocional	1.423	.491
Rejeição	0.203	.903
Tentativa de Controlo	0.950	.622

4.4.4 Influência da posição do filho na fratria

De modo a medir diferenças entre a variável posição na fratria e os factores da escala do EMBU-Pais, aplicou-se o teste de Mann-Whitney para amostras independentes. Assim, os resultados obtidos não apontaram a presença de diferenças estatisticamente significativas entre esta variável e os factores da escala (*cf.* tabela 10). Por isso, pode-se concluir que não parece haver uma influência entre a posição que o filho ocupa na fratria e os respectivos estilos parentais educativos, desempenhados pelos pais.

Tabela 10. Diferenças entre a variável posição na fratria e os factores da escala do EMBU-Pais.

	Mann-Whitney U	Sig.
EMBU-Pais		
Suporte Emocional	971.5	.107
Rejeição	1047	.278
Tentativa de Controlo	1103	.487

4.5 Associação entre variáveis

Calcularam-se as associações entre as dimensões de cada uma das dimensões presentes nas escalas utilizadas, através do teste Kendall Tau-b (*cf.* anexo 6).

4.5.1 Associação entre as dimensões do EMBU-Memórias de Infância

Na escala do EMBU-Memórias de Infância, os resultados revelaram que existem uma associação positiva entre o suporte emocional-pai e o suporte emocional-mãe ($W = .660$; $p < .01$), isto significa que à medida que as pontuações da dimensão de suporte emocional do pai aumentam, as pontuações da dimensão de suporte emocional também aumentam e vice-versa. Esta associação é considerada forte, a um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

A dimensão de rejeição-pai está positivamente associada às dimensões de rejeição-mãe ($W = .370$; $p < .01$), sobreprotecção-pai ($W = .322$; $p < .01$) e sobreprotecção-mãe ($W = .216$; $p < .01$). Estes dados indicam que, as pontuações relativas à dimensão de rejeição do pai aumentam, as pontuações das dimensões de rejeição da mãe e de sobreprotecção, do pai e da mãe, também aumentam e vice-versa. A intensidade destas associações é moderada, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

A dimensão de rejeição-mãe está positivamente associada às dimensões de sobreprotecção-pai ($W = .195$; $p < .01$), e sobreprotecção-mãe ($W = .322$; $p < .01$). Pode sugerir-se que à medida que as pontuações da dimensão de rejeição da mãe aumentam, as pontuações das dimensões de sobreprotecção do pai e da mãe também aumentam, e vice-versa. Presencia-se uma associação fraca entre a dimensão de rejeição-mãe e a dimensão de sobreprotecção-pai. Por sua vez, as dimensões de rejeição-mãe e de sobreprotecção-mãe consideram-se associações moderadas. Todas elas apresentam um nível de

confiança de 99% ($p < .01$).

A dimensão de sobreprotecção-pai associa-se positivamente com a dimensão de sobreprotecção-mãe ($W = .741$; $p < .01$), levando a considerar que esta associação é forte, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$). Como tal, à medida que as pontuações da dimensão de sobreprotecção do pai aumenta as pontuações da dimensão de sobreprotecção da mãe também aumenta, e vice-versa.

Foram ainda, nesta escala, encontradas associações negativas entre as dimensões de suporte emocional-pai com a rejeição-mãe ($W = -.184$; $p < .05$) e com a rejeição-pai ($W = -.267$; $p < .01$), isto significa que à medida que as pontuações das dimensões de suporte emocional do pai aumentam, as dimensões de rejeição, do pai e da mãe, diminuem, e vice-versa. A associação feita entre a dimensão de suporte emocional-pai e a dimensão de rejeição-mãe é considerada fraca, com um nível de confiança de 95% ($p < .05$). Por sua vez, a associação entre a dimensão de suporte emocional do pai e a rejeição do pai é considerada moderada, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

Foi encontrada uma associação negativa entre a rejeição-pai e o suporte emocional-mãe ($W = -.225$; $p < .01$), indicando que à medida que as pontuações da dimensão de rejeição do pai aumentam as pontuações da dimensão de suporte emocional da mãe diminuem, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

Presenciou-se uma associação negativa entre a dimensão de suporte emocional-mãe e a dimensão de rejeição-mãe ($W = -.246$; $p < .01$), o que demonstra que à medida que as pontuações da dimensão de suporte emocional da mãe aumentam as pontuações da dimensão de rejeição da mãe diminuem, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com tendência para uma associação moderada, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

4.5.2 Associação entre as dimensões do EVA

Os resultados revelaram que existe uma associação positiva entre: conforto com a proximidade e a confiança nos outros ($W = .208$; $p < .01$), indicando que as pontuações relativas à dimensão conforto com a proximidade aumentam, à medida que as pontuações com a dimensão confiança nos outros, também aumentam, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

Por sua vez, os resultados demonstraram que existem associações negativas entre a dimensão de ansiedade e as dimensões de conforto com a proximidade ($W = -.266$; $p < .01$) e de confiança nos outros ($W = -.412$; $p < .01$), o que sugere a presença de um aumento nas pontuações da dimensão de ansiedade à medida que as dimensões conforto com a proximidade e confiança nos outros diminuem, e vice-versa. Estas associações podem ser consideradas moderadas, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

4.5.3 Associação entre as dimensões do EMBU-Pais

Os resultados revelaram que existe uma associação positiva entre a dimensão de tentativa de controlo e as dimensões de suporte emocional ($W =$

.159; $p < .05$) e de rejeição ($W = .246$; $p < .01$). Estes dados revelam que à medida que as pontuações da dimensão de tentativa de controlo aumentam, as pontuações das dimensões de suporte emocional e rejeição também aumentam, e vice-versa. Estas associações podem ser consideradas fracas, com um nível de confiança de 95% ($p < .05$).

Também foi encontrada uma associação negativa entre o suporte emocional e a rejeição ($W = -.200$; $p < .01$), sendo que as pontuações da dimensão de suporte emocional aumenta à medida que as pontuações da dimensão de rejeição diminuem. A associação entre estas variáveis é considerada fraca, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

4.5.4 Associação entre o EMBU-Memórias de Infância e o EVA

A medição das associações entre as dimensões da escala do EMBU-Memórias de Infância e as dimensões da escala do Eva, revelou a presença de uma associação positiva entre a dimensão de suporte emocional-pai e a dimensão de conforto com a proximidade ($W = .153$; $p < .05$), o que significa que quando as pontuações da dimensão de suporte emocional do pai aumentam, as pontuações da dimensão conforto com a proximidade também aumentam, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança de 95% ($p < .05$).

Foi encontrada uma associação positiva entre a dimensão de suporte emocional-mãe e de conforto com a proximidade ($W = .122$; $p = .087$) o que significa que quando as pontuações da dimensão de suporte emocional da mãe aumentam, as pontuações da dimensão de conforto com a proximidade também aumentam, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança inferior a 95% ($p > .05$).

Foi encontrada uma associação positiva entre a dimensão de ansiedade e as dimensões de sobreprotecção-pai ($W = .151$; $p < .05$), de sobreprotecção-mãe ($W = .154$; $p < .05$) e de rejeição-pai ($W = 0.164$; $p < .05$), o que significa que quando as pontuações da dimensão de ansiedade aumentam, as pontuações das dimensões de sobreprotecção da mãe e do pai e de rejeição do pai também aumentam, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança de 95% ($p < .05$).

Foi ainda encontrada uma associação entre a dimensão de rejeição-mãe com a ansiedade, ($W = .129$; $p = .081$), indicando que quando as pontuações da dimensão de ansiedade aumentam, as pontuações da dimensão de rejeição da mãe também aumentam, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança de inferior a 95% ($p > .05$).

Foi também encontrada uma associação negativa entre a dimensão de rejeição-pai e a dimensão de confiança nos outros ($W = .130$; $p = .082$), o que significa que à medida que as pontuações da dimensão de rejeição-pai aumenta, as pontuações da dimensão de confiança nos outros diminui, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança inferior a 95%, ($p > .05$).

Ainda, foi encontrada uma associação negativa entre a dimensão de rejeição-mãe e a dimensão de conforto com a proximidade ($W = .107$; $p = .150$), o que indica que à medida que as pontuações da dimensão de rejeição

da mãe aumenta, as pontuações da dimensão de conforto com a proximidade diminuem, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança inferior a 95% ($p < .05$).

4.5.5 Associação entre o EVA e o EMBU-Pais

Através da comparação entre as escalas do EVA com a do EMBU-Pais, foi possível revelar uma associação positiva entre a dimensão de ansiedade e a dimensão de rejeição ($W = .196$; $p < .01$). Tais resultados indicam que quando as pontuações da dimensão de ansiedade aumentam, à medida que as pontuações da dimensão de rejeição também aumentam, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

Ainda, encontrou-se uma associação positiva entre a dimensão de conforto com a proximidade e a dimensão de suporte emocional ($W = .271$; $p < .01$), o que indica que à medida que as pontuações da dimensão de conforto com a proximidade aumentam, as pontuações da dimensão de suporte emocional também aumentam, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança de 99% ($p < .01$).

Ressaltou também, uma associação negativa entre o conforto com a proximidade e a rejeição ($W = -.136$; $p = .058$), revelando que à medida que as pontuações da dimensão de conforto com a proximidade aumentam, as pontuações da dimensão de rejeição diminuem, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança inferior a 95% ($p > .05$).

Ademais, foi encontrada uma associação negativa entre a dimensão de confiança nos outros e a dimensões de rejeição ($W = -.108$; $p = .133$) e tentativa de controlo ($W = -.113$; $p = .117$), o que significa que à medida que as pontuações da dimensão de confiança nos outros aumentam, as pontuações das dimensões de rejeição e tentativa de controlo diminuem, e vice-versa. Esta associação é considerada fraca, com um nível de confiança inferior a 95% ($p > .05$).

4.5.6 Associação entre o EMBU-Memórias de Infância e o EMBU-Pais

Os resultados que se destacaram através da comparação entre a escala do EMBU-Memórias de Infância e o EMBU-Pais revelaram associações positivas entre a dimensão de rejeição e as dimensões de rejeição-pai ($W = .207$; $p < .01$) e de rejeição-mãe ($W = .182$; $p < .01$), indicando que à medida que as pontuações da dimensão de rejeição aumentam, as pontuações das dimensões de rejeição da mãe e do pai também aumentam, e vice-versa. Estas associações são consideradas fracas, com um nível de confiança de 95% ($p < .05$).

Ainda, foram encontradas associações positivas entre o suporte emocional e as dimensões de suporte emocional-pai ($W = .118$; $p = .095$) e de suporte emocional-mãe ($W = .109$; $p = .123$), o que significa que à medida que as pontuações da dimensão de suporte emocional aumentam, as pontuações das dimensões de suporte emocional da mãe e do pai também aumentam, e vice-versa. Estas associações são consideradas fracas, com um nível de

confiança inferior a 95% ($p > .05$).

V - Discussão

Conceptualizando os resultados anteriormente analisados, constata-se que existe uma influência das memórias infantis dos pais nas competências parentais que estes actualmente exercem, tal como vários autores sugerem na literatura (Belsky et al., 2005; Chassin, Presson, Todd, Rose & Sherman, 1998); Chen & Kaplan, 2001; Hennig, 2008; Kerr et al., 2009; Neppi et al., 2009; Shaffer, Burt, Obradovic, Herbers, & Masten, 2009; Thornberry, Freeman-Gallant, Lizzote, Krohn & Smith, 2003).

Esmiçando esta análise, e partindo da descrição das características sociodemográficas, designadamente nas variáveis escolaridade dos pais, idade do(a) filho(a) e posição do filho na fratria, não foram destacadas quaisquer diferenças estatisticamente significativas entre elas e as diversas variáveis do estudo, nomeadamente, em relação às memórias infantis, à vinculação no adulto e aos estilos parentais educativos actualmente desempenhados pelos pais. No que concerne às restantes variáveis sociodemográficas recolhidas neste estudo, e dado grande diferença na distribuição dos dados, não seria significativa a inferência de quaisquer diferenças que pudessem ser reveladas.

A análise da característica sociodemográfica, referente ao sexo dos pais, permitiu verificar que esta não confirma, na totalidade, os aspectos presentes em alguns estudos epidemiológicos (Canavarro, 2007; Esteves, 2010). Ou seja, no presente estudo, o sexo feminino parece não apresentar diferenças estatisticamente significativas em relação ao sexo masculino. No entanto, foram, ainda assim, encontradas diferenças entre o sexo, relativamente aos estilos parentais desempenhados, actualmente, pelos pais, nomeadamente nas dimensões de suporte emocional e de tentativa de controlo. Os resultados confirmam assim alguns aspectos destes estudos (Canavarro, 2007), referindo que as mães tendem a ter estilos parentais pautados por um maior suporte emocional e tentativa de controlo, comparativamente aos pais.

Direccionando a análise para descrição das dimensões da escala do EMBU-Memórias de Infância, é possível constatar que os sujeitos parecem perceber de forma similar os estilos educativos dos pais na infância. Desta forma, as memórias infantis, que sugerem maiores comportamentos relacionados com o suporte emocional, parecem ter sido aplicadas conjuntamente, pelo pai e pela mãe. Por sua vez, sempre que eram percebidos comportamentos relacionados com uma maior rejeição por parte da mãe, também eram percebidos os mesmos por parte do pai. O mesmo se aplicou a estilos parentais pautados por comportamentos de sobreprotecção. Estes resultados levam a considerar que os sujeitos tendem a não diferenciar os estilos educativos dos progenitores, percebendo-os de forma consistentes em relação a ambos.

Ainda no mesmo contexto, a análise desta escala permitiu sugerir que, sempre que os sujeitos recordavam memórias parentais relacionadas com comportamentos de rejeição, recordavam também memórias parentais pautadas por comportamentos de maior sobreprotecção. Estas características eram encontradas, de forma similar, para ambos os pais, sendo que sempre

que os sujeitos recordavam memórias relativas a comportamentos de rejeição e/ou sobreprotecção materna, eram, por sua vez, também recordadas memórias de comportamentos de rejeição/sobreprotecção paterna, indo de encontro ao que anteriormente foi analisado. Neste âmbito, a literatura confirma os resultados obtidos, dado que define o estilo parental autoritário premiado pela integração padrões rígidos e inflexíveis, comportando atitudes de punição, ordem e autoridade, como os que são encontrados em estilos descritos como mais rejeitantes. Este estilo parental inclui também características encontradas nos comportamentos de sobreprotecção, entendidos como comportando um elevado controlo e avaliação dos comportamentos dos filhos, levando a uma conseqüente limitação na autonomia dos mesmos (Baumrind, 1996; Esteves, 2010).

Relativamente à análise feita às dimensões da escala do EVA, foi possível sugerir que os sujeitos que estabelecem vínculos relacionais pautados por maior facilidade no conforto com a proximidade, parecem também ter mais confiança nos outros. Estas características vão de encontro às definições teóricas relativas ao conceito de vinculação segura, segundo as quais os sujeitos parecem ter maior facilidade na proximidade, dependência e confiança estabelecidos com os outros (Bartholomew, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Estas características presentes na vinculação segura, foram encontradas neste estudo, antagonicamente às características relacionadas com elevados padrões de ansiedade. Conseqüentemente, os resultados sugeriram que, perante relacionamentos pautados pela ansiedade, não eram encontrados padrões mais positivos, regulados pela maior proximidade e confiança nos outros, caracterizando assim, segundo as definições teóricas, sujeitos com vinculação evitante. Ainda, também se pode associar estes mesmos resultados aos padrões de vinculação ansiosa/ambivalente, caracterizados pela dificuldade na aproximação aos outros, dado a excessiva preocupação e ansiedade demonstrados nos vínculos relacionais estabelecidos (Hazan & Shaver, 1987).

Debruçando a atenção na escala do EMBU-Pais, os resultados sugerem que quando os sujeitos desempenham estilos parentais mais direccionados a comportamentos de suporte emocional, menos são encontrados comportamentos de rejeição. O inverso também é aplicado, ou seja, pais que aplicam estilos parentais orientados por padrões de comportamentos de rejeição, parecem demonstrar menos padrões de comportamento relativos ao suporte emocional. Poderá ser importante frisar a analogia encontrada nestes resultados entre as dimensões desta escala e as dimensões da escala do EMBU-Memórias de infância. Assim, quando foram analisadas as memórias infantis, os sujeitos recordavam estilos parentais que incluíam comportamentos de rejeição e sobreprotecção, distintamente dos estilos parentais regulados por comportamentos de suporte emocional. Nesse sentido, foram aglutinadas as práticas parentais negativas, referentes à rejeição e sobreprotecção, ao estilo parental autoritário de Baumrind (1996), que apresentava características semelhantes. Por sua vez, os comportamentos de suporte emocional, foram, separadamente dos anteriores, caracterizados pelo estilo mais autoritativo, de Baumrind (1996), considerado mais positivo. No

entanto, na análise feita aos estilos parentais actualmente desempenhados pelos sujeitos, verificou-se que, tanto os comportamentos de rejeição, como os comportamentos de suporte emocional parecem estar relacionados com comportamentos regulados pela maior tentativa de controlo (ou sobreprotecção) no comportamento dos filhos. Assim, o que resta por explicar será: porque é que pais que desempenham estilos parentais voltados para comportamentos de suporte emocional, parecem também desempenhar estilos parentais relacionados com comportamentos caracterizados pela elevada tentativa de controlo? Tal resultado poderá ser explicado pelas consecutivas mudanças contextuais e sociais ocorridas ao longo dos anos. Como tal, o aumento da escolaridade, que para além de ter criado uma modernização de certas perspectivas, permitiu a integração da mulher no mercado de trabalho e o seu conseqüente afastamento nas lidas exclusivamente domésticas, e levou, por sua vez, a mudanças nos papéis desempenhados na família, nomeadamente na maior participação do homem no cuidado dos filhos e o maior distanciamento da família de origem. Ademais, os diversos conhecimentos nas áreas da psicologia fomentaram alterações de valores, crenças e comportamentos nas relações interpessoais, também influenciados pela diminuição do número de filhos e a maior importância dos cuidados dados aos filhos (Bronfenbrenner, 1995; Monteiro, et al., 2008; Ribeiro, 2003). Assim, é possível que, perante uma sociedade em constante mudança, tenham sido valorizadas práticas parentais relacionadas com comportamentos de maior tentativa de controlo e, os mesmos se associarem, por isso, a estilos parentais educativos regidos por comportamentos de suporte emocional.

Concomitantemente à análise feita a estas três escalas, o presente estudo pretende fazer a ponte entre a influência das memórias infantis nos padrões de relacionamento estabelecidos no adulto e, por isso, no estilo de vinculação actualmente encontrado nestes sujeitos. E ainda, se esse padrão parece influenciar os estilos parentais desempenhados pelos sujeitos com os seus filhos e se, por isso, as recordações feitas aos estilos parentais influenciam as competências parentais que estes actualmente exercem.

Como tal, e perspectivando a influência das memórias infantis acerca dos pais na vinculação do adulto, os resultados da presente investigação sugeriram que os sujeitos que tendem a recordar, por parte dos pais, sentimentos de maior segurança, confiança e autonomia, onde predominaram comportamentos de carinho, conforto e incentivo, definidos por isso de suporte emocional, desencadeiam, na idade adulta, padrões de relacionamentos caracterizados pela facilidade e conforto na proximidade com os outros e, conseqüentemente, a uma maior facilidade em estabelecer confiança na relação. Segundo Hazan e Shaver (1987), estas características reflectem-se nos padrões de vinculação segura encontrados no adulto.

Os resultados apontaram ainda que tende a ocorrer uma relação inversa, ou seja, sujeitos que recordam ter experienciado, na infância, estilos parentais caracterizados por comportamentos de rejeição e sobreprotecção parecem ter dado origem a níveis de ansiedade mais elevados na idade adulta, correspondendo, segundo os autores anteriormente referidos, a padrões de vinculação ansiosa/ambivalente que se regem pelo desconforto com a proximidade, dado

a preocupação excessiva em relação aos pensamentos dos outros, bem como a padrões de vinculação evitante, caracterizados pela dificuldade em estabelecer uma aproximação e confiança nos outros. Estes resultados corroboram vários estudos encontrados na literatura, demonstrando a influência das memórias relativas aos estilos educativos parentais nos padrões de vinculação, que se vão estabelecendo na infância e perpetuando na adultez (Batcho, Nave & DaRin, 2010; Belsky, 1997, citado por Freitas, 2011; Fonseca, 2012; Oliveira, 2008; Sousa, 2009). Assim, indivíduos que recordam práticas parentais pautadas pelo carinho, compreensão e afecto, ou recordando um estilo parental autoritativo (Baumrind, 1966), apresentam, mais tarde, padrões de vinculação seguros (Abreu, 2005; Ainsworth et al. 1978; Belsky, et al., 2005; Bowlby, 1980; Oliveira, 2008; Rodrigues, Figueiredo, Pacheco, Costa, Cabeleira, & Magrinho, 2004). Por sua vez, as memórias de infância relacionadas com comportamentos de rejeição e sobreprotecção, nas escalas materna e paterna, desencadeiam maior ansiedade no adulto (Fonseca, 2012; Sousa, 2009).

Concludentemente à ideia anteriormente abordada, vários autores defendem que, na fase adulta, os padrões de vinculação que um indivíduo vai estabelecendo com os outros, nomeadamente na parentalidade, vão ser influenciados pelas suas experiências prévias decorridas, essencialmente, ao longo da infância (Carvalho, 2011; Freitas, 2011). Como tal, e partindo dessa analogia, os resultados obtidos neste estudo revelaram uma propensão na influência dos padrões de vinculação e os respectivos estilos parentais desempenhados actualmente. Neste sentido, verificou-se que sujeitos com padrões de vinculação insegura e/ou evitante, caracterizados por elevados níveis de ansiedade nas relações com os outros, e, por isso, apresentando maiores dificuldades na aproximação e confiança nos outros, tendem a estabelecer estilos parentais mais autoritários, regidos por comportamentos de maior rejeição e, conseqüentemente, de maior tentativa de controlo. Inversamente, também se pode constatar que os padrões de vinculação segura, caracterizados pela facilidade no conforto com a proximidade e, assim, pela respectiva facilidade na confiança estabelecida com os outros, tendem a originar estilos educativos parentais autoritativo, mais direccionados para o suporte emocional, promovendo o conforto, segurança e autonomia dos filhos. Estes resultados coincidem com a literatura vigente, revelando que os pais que apresentam padrões de vinculação seguros tenderam a transmitir aos filhos maior segurança, incentivando a exploração com o mundo que os rodeia. Pelo contrário, pais que tenham desenvolvido padrões de vinculação insegura e ambivalente, tenderam a demonstrar maiores padrões de rejeição aos filhos, levando a desempenhar práticas mais rígidas e controladoras (Canavarro et al., 2006; Marques, 2012; van IJzendoorn, 1995).

Todos os resultados anteriormente apresentados, convergem na ideia de que as memórias parentais da infância influenciam as competências parentais que os sujeitos desempenham actualmente. Como tal, os resultados especificam esta afirmação, denotando que perante recordações de uma parentalidade negativa, modelados por comportamentos de rejeição, são encontrados, nestes sujeitos, estilos parentais semelhantes, presenciados por

comportamentos de rejeição perante os filhos. Das recordações aos actuais estilos parentais educativos, estes comportamentos são caracterizados pela maior utilização de castigos físicos, pela privação de privilégios, e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento de um sentimento de rejeição pessoal inculcado nos filhos (Rollins & Thomas, 1979, citado por Canavarro, 1996). O mesmo ocorre em relação aos estilos parentais pautados por comportamentos de maior suporte emocional, onde, os resultados obtidos sugeriram que perante memórias parentais que reflectiram sentimentos de conforto, aprovação e segurança, caracterizando os comportamentos de suporte emocional, os sujeitos, actualmente, enquanto pais, tendem a desempenhar comportamentos similares, estando assim também relacionados com comportamento de maior suporte emocional. Estes resultados coadunam com a literatura encontrada, dado que diversos autores referem que é através da recordação de experiências parentais calorosas e de suporte emocional durante a infância e adolescência que, mais tarde, os pais irão desempenhar esses mesmos comportamentos, prevalecendo, deste modo, atitudes mais positivas durante a parentalidade (Kerr, Capaldi, Pears, & Owen, 2009; Neppi et al., 2009; Shaffer et al., 2009). Assim, uma parentalidade positiva numa primeira geração desencadeia aspectos positivos nas práticas parentais da segunda geração através de uma adolescência ajustada (Hofferth et al., 2012). Ademais, autores tais como Bailey, DeOliveira, Wolfe, Evans e Hartwick (2012), demonstraram que existe uma relação significativa entre as famílias com experiências de violência, negligência e maus-tratos emocionais, e as observações feitas às mães que apresentavam comportamentos hostis com os filhos, mesmo após ter sido efectuado um controlo no potencial traumático das experiências na idade adulta. Ainda, Chung, Mahew, Rothkopf, Elo, Coyne e Culhane (2009), constataram que as mães que presenciaram abuso físico ou outras experiências de violência na infância demonstram ter atitudes parentais mais agressivas, nomeadamente, no que se refere às punições físicas.

Perante todos estes resultados, podemos concluir que parece existir uma influência das memórias infantis (alusivas aos estilos educativos parentais) nas competências que os pais desempenham actualmente com os filhos (Aluja, et al., 2005; Belsky et al., 2005; Chassin et al., 1998; Chen & Kaplan, 2001; Hennig, 2008; Simonoff, 2001, citado por Kerr et al., 2009; Thornberry et al., 2003). Ainda assim, é preciso referir que estes resultados são meramente tendências e que, todo este processo acarreta um conjunto de características que, muito provavelmente influenciaram também todo o desenvolvimento social, emocional e comportamental do indivíduo.

A fim de complementar e perceber a forma como todos estes resultados se coadunam, é importante fazer uma análise mais aprofundada acerca do psiquismo do indivíduo. Assim, partindo de uma perspectiva psicodinâmica, a compreensão do indivíduo passa, em primeiro lugar, pela compreensão do seu mundo interno. Como tal, Klein (1969 citado por Sá, 2003), definia este conceito pela forma como o indivíduo internalizava os seus objectos internos, mediados através das relações e, constituindo assim, um conteúdo pautado por impulsos, fantasias e emoções. Este mundo interno, através da integração das relações significativas, permitiria assim, originar um espaço de representações

que levavam o nosso psiquismo a pensar (Sá, 2003). Surge, neste contexto, a noção de self, que se caracteriza como uma “estrutura interior da mente” (Kohut, 1988, citado por Sá, 2003, p. 78), originada através influência dos vínculos estabelecidos entre os objectos internos e, permitindo assim, o crescimento mental dos indivíduos (Sá, 2003).

Como Sá (2009) afirmou, “a infância dos pais reparte-se nas experiências gratificantes de parentalidade (...) e por experiências dolorosas” (p. 207). Ou seja, a parentalidade busca as suas origens no conceito de infância na fantasia, caracterizada pelas recordações dessas mesmas “experiências gratificantes”, pautadas pela comunhão e segurança, que permitem explorar os espaços transitivos e expandir o self. E ainda, no conceito de infância fantasmática, caracterizada pelas relações mais coercivas e lembranças de recordações dolorosas. Por isso, a infância na fantasia permite reflectir, nas relações que o indivíduo estabelece ao longo da vida, as relações gratificantes vivenciadas na sua infância. Em contrapartida, a infância fantasmática, é o ponto de convergência entre a recordação dos pais, os pais que se deseja ser e os que nunca se tiveram, projectando, nesse sentido, padrões de comportamentos coercivos e agressivos no seio das relações que se vão estabelecendo ao longo da vida, inclusivamente, na parentalidade.

Esta visão teórica permite concluir que todos estes resultados aglutinam a noção de que, “a relação dos pais constrói-se com as suas infâncias” (Sá, E. 2009).

VI - Conclusões e Limitações

Esta investigação teve como objectivo central o aprofundamento das diversas teorias e estudos já realizados, permitindo fomentar a importância das memórias infantis dos pais no ciclo de vida dos indivíduos, nomeadamente, no que se refere aos relacionamentos estabelecidos na idade adulta e a importância dos mesmos nas competências parentais que os pais desempenham. Não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas em relação às mães e aos pais, separadamente, foi, ainda assim, confirmada a influência que exerce a infância, essencialmente, nas relações estabelecidas com os pais, para o desenvolver das relações com os pares e, futuramente, da própria parentalidade.

Esmiuçando um pouco mais este estudo, bem como outros anteriormente abordados, salienta-se a influência dos estilos parentais caracterizados por comportamentos de suporte emocional, no desenvolvimento de padrões de vinculação segura. Também, estilos parentais mediados pela rejeição ou sobreprotecção parecem influenciar padrões de vinculação considerados inseguros, caracterizados por elevados níveis de ansiedade. Ainda, foi possível sugerir que os estilos parentais educativos, pautados por comportamentos de rejeição, influenciam estilos de vinculação inseguros. Estes mesmos padrões demonstraram desencadear uma continuidade nos estilos parentais dos pais, sendo que, por um lado, relacionamentos mais seguros definidos por um maior conforto com a proximidade e, simultaneamente, confiança nos outros, desencadeariam mais comportamentos de suporte emocional na relação pais-filho. O oposto

também se verificou, isto é, foi encontrada uma influência que sugere que as relações caracterizadas por uma maior ansiedade e desconforto na proximidade e confiança nos outros tendem a revelar estilos educativos parentais mais direccionados para práticas de rejeição.

Poderá assim concluir-se, tal como o sugerido por Shaffer et al., (2009), que práticas educativas mais positivas tendem a enriquecer as competências sociais que, por sua vez, são transmitidas na parentalidade.

Para uma melhor leitura e compreensão dos resultados obtidos neste estudo é fundamental referir algumas das suas limitações. O facto de se ter recolhido amostra de conveniência, poderá ter prejudicado o carácter de privacidade e confidencialidade das respostas atribuídas, limitando a veracidade das afirmações obtidas nestas escalas. Ainda, dada a presença de uma baixa consistência interna resultante de alguns factores, é provável que tenham surgido problemas na compreensão verbal dos itens das escalas, enfraquecendo, desta forma, a plausibilidade dos resultados obtidos. Concomitantemente a estas limitações, é ainda necessário ter em consideração que todas as associações presentes neste estudo, referem-se a meras tendências encontradas entre as variáveis, compreendendo, por isso, que as influências serão também, determinadas por outros factores. Como tal, é importante referir que alguns destes resultados podem ser meramente indicativos e estatisticamente não significativos.

Projectando investigações futuras que permitam complementar e acrescentar novas informações à actual investigação, bem como àquelas encontradas na literatura, seria interessante estudar as percepções das crianças, enquanto filhos, acerca dos estilos educativos parentais dos pais. Complementaria e reforçaria assim, o conceito de transmissão intergeracional. Além disso, seria interessante recolher a informação tendo em conta a perspectiva da relação de casal nas memórias e práticas parentais, de forma a compreender e interpretar eventuais diferenças ocorridos entre ambos. Finalizando, seria ainda profícua a realização de uma investigação erguida sobre uma amostra de maiores dimensões, de forma a engrandecer, um pouco mais, as perspectivas no âmbito desta temática. Neste sentido, tomando em consideração outras técnicas estatísticas que não foram aqui contempladas, em virtude das características da amostra estudada, o recurso a Análises de Regressão poderia insurgir-se como uma mais-valia, no sentido de viabilizar um alargamento dos contornos subjacentes às conclusões do presente estudo, caso pudessem ser apurados eventuais efeitos preditores de umas variáveis nas outras (memórias, vinculação e competências parentais).

Bibliografia

Ainsworth, M. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Abreu, G. N. (2005). *Teoria do Apego: Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas* (1ªed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Aluja, A., Barrio, V. del., & García, L. F. (2005). Relationships between adolescents' memory of parental rearing styles, social values and socialization behavior traits. *Personality and Individual Differences*, 39, 903-912.
- Albano, A. H. (2006). Memória: temporalidade do rastro e confissão. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 8, 03-13.
- Arrindell, W. A., & Ende, J. V. (1984). Replicability and Invariance of Dimensions of Parental Rearing Behaviour: Further Dutch Experiences with the EMBU. *Personality and Individual Differences*, 5(6), 671-682.
- Arrindell, W., Perris, C., & Eisemann, M. (1986). Cross-national generalizability of patterns of parental rearing behaviour: invariance of EMBU dimensional representations of healthy subjects from Australia, Denmark, Hungary, Italy and the Netherlands. *Personality and Individual Differences*, 7(1), 103-112. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0191886986901145>
- Arndt, S., Turvey, C., & Andreasen, N. (1999). Correlating and predicting psychiatric symptom ratings: Spearman's r versus Kendall's tau correlation. *Journal of Psychiatric Research*, 33, 97-104. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0022395698900462>
- Bailey, H. N., DeOliveira, A. C., Wolfe, V. V., Evans, E. M., & Hartwick, C. (2012). The impact of childhood maltreatment history on parenting: A comparison of maltreatment types and assessment methods. *Child Abuse & Neglect*, 36, 236-246. doi: 10.1016/j.chiabu.2011.11.005.
- Barroso, R. G., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 1(52), 211-229.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: an attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178.
- Batcho, Nave & DaRin (2010). A retrospective survey of childhood experiences. *Journal of Happiness Studies*, 12, 531-545.
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37(4), 887-907.
- Beaton, J. M., Doherty, W. J., & Rueter, M. A. (2003). Family of origin processes and attitudes of expectant fathers. *Fathering*, 1, 149-168. doi:10.3149/fth.0102.149.

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, J., & Jaffee, S. (2006). The Multiple Determinants of Parenting. In Cicchetti, D., Cohen, D. (Eds). *Developmental Psychopathology: Risk, Disorder and Adaptation* (2ª ed., Vol. 3, pp. 38-85). New York: Wiley.
- Belsky, J., Jaffee, S. R., Sligo, J., Woodward, L., & Silva, P. A. (2005). Intergenerational transmission of warm-sensitive-stimulating parenting: A prospective study of mothers and fathers of 3-year-olds. *Child Development*, 76(2), 384 – 396.
- Berkien, M., Louwse, A., Verhulst, F., & Ende, V. (2012). Children's perceptions of dissimilarity in parenting styles are associated with internalizing and externalizing behavior. *European Child & Adolescent Psychiatric*, 21, 79-85. doi: 10.1007/s00787-011-0234-9.
- Berman, W. H., & Sperling, M. B. (1994). The structure and function of adult attachment. In M. B. Sperling & W. Berman (Eds.), *Attachment in adults – clinical and developmental perspectives* (pp. 3-28). New York: Guildford Press.
- Bleichmar, N. M., Bleichmar, C. L. & Klein, M. (1992). A fantasia inconsciente como cenário da vida psíquica. In Bleichmar, N. M., & Bleichmar C. L. (1992). *A psicanálise depois de Freud: teoria e clínica* (pp. 40-86). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss. Attachment*. (Vol. 1). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss. Separation*. (Vol. 2) New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss. Loss*. (Vol. 3). New York: Basic Books.
- Borges, I. C. (2010). *Qualidade da parentalidade e bem-estar da criança*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental Ecology Through Space and Time: A Future Perspective. In Moen, P., Elder, G. H., & Luscher, K. (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-647). Washington, DC: American Psychological Association.

- Camacho, I., Matos, M. (2007). Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento académico em adolescentes. *Revista brasileira de terapias cognitivas*, 3(3), 3-15.
- Campbell, J. & Gilmore, L. (2007). Intergenerational continuities and discontinuities in parenting styles. *Australian Journal of Psychology*, 59, 140-150.
- Canavarro, M. C. (1996). Avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psicologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas ao longo do ciclo de vida e saúde mental*. Coimbra: Quarteto.
- Canavarro, M., Dias, P., & Lima, V. (2006). A Avaliação da Vinculação no Adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da *Adult Attachment Scale-R* (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, XX(1), 11-36.
<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v20n1/v20n1a08.pdf>
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria Investigação e Prática*, 2, 271-286.
- Carvalho, M. P. (2010). *Maus tratos na infância e relação com a memória, a afectividade negativa e positiva*. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Carvalho, M. E. (2011). *O bebé imaginário, as memórias dos cuidados parentais e as representações sonoro-musicais na gravidez no estudo da representação da vinculação materna pré-natal e da orientação para a maternidade*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Chassin, L., Presson, C. C., Todd, M., Rose, J. S., Sherman, S. J. (1998). Maternal socialization of adolescent smoking: The intergenerational transmission of parenting and smoking. *Developmental Psychology*, 34, 1189-1201.
- Chen, Z., & Kaplan, H. (2001). Intergeracional Transmission of Constructive Parenting. *Journal of Marriage and Family*, 63, 17-31.
- Chen, Z. Y., Liu, R. X., & Kaplan, H. B. (2008). Mediating Mechanisms for the Intergenerational Transmission of Constructive Parenting: A Prospective Longitudinal Study. *Journal of Family Issues*, 29(12), 1574-1599. doi: 10.1177/0192513X08318968.

- Chung, E. K., Mahew, L., Rothkopf, A. C., Elo, I. T., Coyne, J. C., & Culhane, J. F. (2009). Parenting Attitudes and Infant Spanking: The Influence of Childhood Experiences. *Pediatrics*, *127*, 278-286.
- Connell-Carrick, K. (2010). Child abuse and neglect. In Bremner, J. G., & Wachs, T. D. (Eds.). *The Wiley-Blackwell Handbook of Infant Development* (2^a ed., vol.2, pp.165-191). Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell.
- Conway, M. A., & Holmes, A. (2004). Psychosocial stages and the accessibility of autobiographical memories across the life cycle. *Journal of Personality*, *72*, 461-480.
- Conway, M. A., & Pleydell-Pearce, C. W. (2000). The construction of autobiographical memories in the self-memory system. *Psychological Review*, *107*, 261-288.
- Croux, C., & Dehon, C. (2010). Influence functions of the Spearman and Kendall correlation measures. *Statistical Methods & Applications*, *19*(4), 497–515. doi:10.1007/s10260-010-0142-z
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Cruz, M. S. (2011). *Relação de Vinculação, Práticas Educativas e Ajustamento Emocional na Díade Pais-Filhos*. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, Lisboa.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*, *113* (3), 487-496.
- Davies, D. (2011). *Child development. A practitioner's guide* (3^a ed.). New York: Guilford Press.
- Esteves, A. S. (2010). *Estilos parentais e co-parentalidade: um estudo exploratório em casais portugueses*. Mestrado Integrado em Psicologia. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Fonseca, I. I. (2012). *A Gravidez na Adolescência: Vinculação pré-natal, memórias de práticas educativas parentais e suporte social*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Fraga, I. S. (2010). *Adolescentes Vítimas de Maus-Tratos: Memórias de Práticas Educativas Parentais, (Des) Adaptação e Suporte Social*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.

- Freitas, E. H. (2011). *A Importância das Memórias dos Cuidados Recebidos na Infância e a Qualidade do Investimento Parental em Mães de Bebés Pré-Termo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia-Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/5075>
- Fuertes, M. (2011). A outra face da investigação: Histórias de vida e práticas de intervenção precoce. *Da Investigação às Práticas, I(I)*, 89-109.
- Gameiro, S., Martinho, B., Canavarro, M. C., Moura-Ramos, M., (2008). Estudos Psicométricos da Escala de Investimento Parental na Criança. *Psychologica, 48*, 77-99.
- Goldberg, S. (1983). Parent-Infant Bolding: Another look. *Child Development, 54*, 1355-1382.
- Granetto, W. E. (2008). *Práticas educativas parentais em dependentes químicos*. Dissertação de Mestrado. Pontifica Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Habermas, T., & Bluck, S. (2000). Getting a life: The emergence of the life story in adolescence. *Psychological Bulletin, 126*, 748-769.
- Hazan, C. & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 511-524.
- Hennig, F. (2008). *Relação entre as práticas educativas parentais e as memórias de cuidados na infância*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Hinde, R. A., & Stevenson-Hinde, J. (1986). Relating childhood relationships to individual characteristics. In W. W. Hartup & Z. Rubin (Eds.), *Relationship and development* (pp. 27-50). Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates.
- Hofferth, S. L., Pleck, J. H., & Vesely, C. K. (2012). The Transmission of Parenting from Fathers to Sons. *Parenting: Science and Practice, 12(4)*, 282-305. <http://dx.doi.org/10.1080/15295192.2012.709153>
- Kerr, D. C., Capaldi, D. M., Pears, K. C., & Owen, L. D. (2009). A Prospective Three Generational Study of Fathers' Constructive Parenting: Influences from Family of Origin, Adolescent Adjustment, and

- Offspring Temperament. *Development Psychology*, 45(5), 1257-1275. doi: 10.1037/a0015863.
- Koren-Karie, N. (2000). Attachment Representations in Adulthood: Relation with Parental Behaviors. *The Israel Journal of Psychiatry and Related Sciences*, 37(3), 178-189.
- Lacan, J. (1954-1955). O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. In Lacan, J. (Eds.). *Jaques Lacan: O Seminário* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lebovici, S. (1995). Les interactions fantasmatiques. *Journal de Pédiatrie et de Puériculture*, 8(2), 94-98. doi:10.1016/0987-7983(96)83637-1.
- Lopes, F. R. (2012). *Transmissão entre gerações de estilos educativos parentais: Estudo exploratório de famílias com três gerações*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia Educação e Cultura*, XIII (1), 139-156.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics* (6ªed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Marques, I. R. (2008). *Memórias do passado, um legado familiar: clima relacional na família de origem e a sua influência na actual aliança parental*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Marques, A. C. (2012). *Influência da vinculação do adulto no estabelecimento do bonding pai-filho no nascimento* (Dissertação de mestrado). Instituto Politécnico de Viseu, Viseu
- Marques, J. I. C. (2012). *Intergeracionalidade de estilos educativos parentais: Continuidade ou Mudança? Concordância ou Discordância?* Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5, 100-122.
- Monteiro, L., & Veríssimo, M. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3(XXVII), 395-409. Retrieved from http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S087082312008000300003&script=sci_arttext
- Moura, (2009). Contos populares, Memórias e Psicanálise. *Análise e Crítica*

Literária, 11(14), 82-93.

- Neppl, T. K., Conger, R. D., Scaramella, L. V., & Ontai, L. L. (2009). Intergenerational continuity in parenting behavior: Mediating pathways and child effects. *Developmental Psychology*, 45, 1241-1256.
- Oliveira, L. T. de (2008). *Um estudo da relação entre o vínculo parental e a transferência em psicoterapia psicanalítica*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2005). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Peterson, C., Bonechi, A., Smorti, A., & Tani, F. (2010). A distant mirror: Memories of parents and friends across childhood and adolescence. *British Journal of Psychology*, 101, 601-620.
- Ribeiro, M. J. S. (2003). *Ser família: construção, implementação de um programa de Educação parental*. Dissertação de mestrado não-publicada. Universidade do Minho, Braga.
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 4 (XXII), 643-665. Retirado de http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312004000400001&script=sci_arttext
- Sá, J. (2003). *Textos com psicanálise* (1ªed.). Coimbra: Almedina.
- Sá, J. (2009). *Esboço para uma nova psicanálise* (1ªed.) Coimbra: Almedina.
- Salvaterra, M. (2007). *Vinculação e adopção*. Dissertação de Doutoramento. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Retirado de <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/75>
- Sampieri, R. H., Collado, C. F. & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia da pesquisa* (3ªed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Shaffer, A., Burt, K. B., Obradovic, J., Herbers, J. E., & Masten, A. S. (2009). Intergenerational Continuity in Parenting Quality: The Mediating Role of Social Competence. *Developmental Psychology*, 45(5), 1227-1240. doi: 10.1037/a0015361.
- Shaughnessy, J., Zechmeister, E., & Zechmeister, J. (2012). *Metodologia da pesquisa em psicologia* (9ªed.) Brasil: McGraw Hill.

- Smetana, J. G., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology*, 57, 255-84. doi:10.1146/annurev.psych.57.102904.190124.
- Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilibrios
- Sousa, C. S. de (2009). A ansiedade social no jovem adulto – sua relação com os vínculos parentais e com a vinculação na infância. Dissertação de mestrado. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.
- Thornberry, T. P., Freeman-Gallant, A., Lizotte, A. J., Krohn, M. D., & Smith, C. A. (2003). Linked lives: The intergenerational transmission of antisocial behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31, 171-184.
- Veríssimo, A. R. S. (2012). *Na Terra do Nunca, no lugar de ninguém: dinâmica familiar, representações parentais e parentalidade – estudo exploratório com crianças com Organização Borderline de Personalidade*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação dos Estilos Parentais: O Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331.
- West, M. L. & Sheldon, A. E. (1994). *Patterns of relating – an adult attachment perspective* (pp. 1-23). New York: Guildford Press.
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In P. Marris, J. Stevenson-Hinde & C. Parkes (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). New York: Routledge.
- Winnicott, D. W. (1969). The use of an object. *International Journal of Psychoanalysis*, 50, 711-716.
- Zorning, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: O processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470.

Anexos

Anexo 1 – Protocolo de Investigação

1 – Consentimento Informado

O presente estudo insere-se no âmbito da dissertação de mestrado desenvolvida por Joana Monteiro, mestranda na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, na especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, subespecialização em Psicopatologia e Psicoterapias Dinâmicas, com a orientação do Professor Doutor Eduardo Sá. A investigação intitula-se “Memórias Infantis dos Pais e Competências Parentais Actuais”, tendo, a mesma, como principal objectivo relacionar as memórias de infância dos pais com as competências parentais actuais.

Desta forma, venho por este meio solicitar a sua participação no preenchimento de três escalas de avaliação e um questionário que visam a realização do objectivo desta investigação.

O anonimato e a confidencialidade dos todos os seus dados serão garantidos. Ainda, asseguro que os mesmos serão unicamente utilizados no âmbito do presente estudo, para fins estatísticos.

A sua participação será voluntária, pelo que, poderá, a qualquer momento, interrompê-la.

Li e declaro que depois de devidamente informado(a) autorizo a minha participação neste estudo.

2 – Questionário sóciodemográfico

Dados Pessoais

1. Sexo: Masculino Feminino

2. Idade: _____ anos

3. Nacionalidade: _____

4. Profissão: _____ (indique a profissão/actividade que actualmente exerce)

5. Idade do filho ao qual se irá referir no questionário: _____ anos

6. Quantos filhos tem: _____

7. Que lugar ocupa este entre os irmãos:

1º 2º 3º 4º Outro

8. Estado Civil:

- Solteiro(a).
 Casado(a)/União de facto.
 Viúvo(a).
 Divorciado(a).
 Outro. Se outro, qual? _____

9. Escolaridade:

- 1º ciclo do Ensino Básico (4º ano)
 2º ciclo e 3º ciclo do Ensino Básico (9º ano)
 Ensino Secundário (12º ano)
 Licenciatura. Se sim, indique se é pré ou pós-Bolonha: _____
 Mestrado. Se sim, indique se é pré ou pós-Bolonha: _____
 Doutoramento. Se sim, indique se é pré ou pós-Bolonha: _____

10. Pessoas com quem viveu durante a sua infância/adolescência (até aos 16 anos):

11. Pessoas com quem vive actualmente (agregado familiar actual):

12. Se desejar receber os resultados desta investigação, por favor, indique o seu e-mail:

3 – Escala de Avaliação EMBU-Memórias de Infância

EMBU

(C. Perris, L. Jacobsson; H. Lindstrom; L. Von Knorring & H. Perris; 1984)

Umea University (Department of Psychiatry & WHO Collaborating Centre for Research and Training in Mental Health); Groningen University (Department of Psychology); Universidade Técnica de Lisboa (Departamento de Educação Especial e Reabilitação); Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia (Departamento de Terapêutica do Comportamento).

Memórias de Infância

INSTRUÇÕES: Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativas à sua infância e adolescência

É importante lembrar-se dos comportamentos dos seus pais em relação a si, tal como os recorda, até ter a idade de 16 anos. Mesmo que às vezes seja difícil relembrar como é que o nossos pais se comportavam em relação a nós, quando eramos crianças e adolescentes, cada um de nós tem certas memórias dos princípios por eles utilizados na nossa educação.

Leia cada questão cuidadosamente e considere qual a resposta que melhor se aplica ao seu caso. Responda separadamente, em relação ao comportamento da sua mãe e do seu pai, colocando, para cada questão, uma X num dos quadrados em frente a **Pai**, para avaliar o comportamento do seu pai e outra num dos quadrados em frente a **Mãe**, para avaliar o comportamento da sua mãe.

Por exemplo:

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
Os meus pais eram amáveis comigo	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
1. Os meus pais eram severos ou zangavam-se comigo sem me explicarem porquê	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os meus pais elogiavam-me	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Desejava que os meus pais se preocupassem menos com o que eu fazia	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os meus pais deram-me mais castigos físicos do que eu merecia	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Quando chegava a casa tinha de contar tudo o que tinha feito	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os meus pais contribuíram para que a adolescência fosse uma época de aprendizagens importantes, na minha vida.	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Os meus pais criticavam-me à frente dos outros	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Os meus pais proibiam-me de fazer coisas que a outras crianças eram permitidas por terem medo que me pudesse acontecer alguma coisa	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

		Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
9. Os meus pais incentivavam-me a sobressair em tudo o que eu fazia	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Através do seu comportamento, parecendo tristes, por exemplo, os meus pais faziam-me sentir culpado por os tratar mal	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Eu penso que a ansiedade dos meus pais de que alguma coisa me pudesse acontecer era exagerada	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Se as coisas me corressem mal, eu sentia que os meus pais me tentavam confortar e encorajar	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu era tratado(a) como a «ovelha ranhosa» ou como o «bode expiatório» da família	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os meus pais mostravam com gestos e palavras que gostavam de mim	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu sentia que os meus pais gostavam mais do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) do que de mim	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os meus pais faziam-me sentir vergonha de mim mesmo	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus pais não se preocupavam muito com as minhas saídas.	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sentia que os meus pais interferiam com tudo aquilo que eu fazia	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentia que havia ternura, entre mim e os meus pais.	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os meus pais estipulavam limites sobre o que me era permitido e sobre o que não me era permitido fazer, que seguiam rigorosamente	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Os meus pais castigavam-me mesmo por pequenos erros	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os meus pais é que decidiam sobre como eu me devia vestir ou parecer	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu sentia que os meus pais ficavam orgulhosos quando eu era bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me havia empenhado	Pai Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4 – Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

Escala de Vinculação do Adulto

EVA - M.C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da *Adult Attachment Scale-R*; Collins & Read, 1990

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afectivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afectivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1. Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto-me bem dependendo dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. <u>Não</u> me preocupo pelo facto das pessoas se aproximarem muito de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Sinto-me de alguma forma <u>desconfortável</u> quando me aproximo das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros me deixarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Fico <u>incomodado</u> quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5 – Escala de avaliação do EMBU-Pais

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (Versão de M. C. Canavaro, A. I. Pereira, J. M. P. Canavaro, 2005)

EMBU-PAIS

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Nome _____ **Código criança:**

Data _____ Idade _____ anos Código da criança _____

Quem responde a este questionário? Pai Mãe Pai e Mãe

O seu filho vive consigo (ou convosco)? Sim Não

Em caso negativo, há quantos anos que não vive(m) com o seu (vosso) filho? _____ anos.

Quantos filhos tem? filhos.

Que lugar ocupa este entre os irmãos? 1º 2º 3º 4º 5º outro

Mesmo que seja difícil explicar com exactidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamentos que tem tido em relação ao seu filho. Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflecta o comportamento que tem ou teve para com o seu filho. **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá rodeá-la com um círculo**

Antes de seleccionar a resposta que julga ser a mais adequada, leia atentamente cada uma das quatro alternativas possíveis. Lembre-se que só pode escolher uma opção por pergunta. Não deixe nenhuma questão por responder. Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

Seguidamente, apresentamos um exemplo de como se devem responder às perguntas deste questionário:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
<i>Costuma bater no seu filho?</i>	1	2	3	4
<i>É carinhoso(a) com ele?</i>	1	2	3	4
1. Demonstra ao seu filho, com palavras e gestos, que gosta dele?	1	2	3	4
2. Castiga o seu filho mesmo no caso de pequenas faltas?	1	2	3	4
3. Tenta influenciar o seu filho para que ele venha a ser uma pessoa bem colocada na vida?	1	2	3	4
4. Deseja que o seu filho seja diferente em algum aspecto?	1	2	3	4
5. Acha que é demasiado severo (a) com o seu filho?	1	2	3	4
6. Decide como o seu filho deve vestir-se ou que aspecto deve ter?	1	2	3	4
7. Proíbe o seu filho de fazer coisas que outras crianças da idade dele fazem, por medo que lhe aconteça algo de mal?	1	2	3	4
8. Bate ou repreende o seu filho em frente de outras pessoas?	1	2	3	4
9. Preocupou-se em saber o que faz o seu filho na sua ausência?	1	2	3	4
10. Quando as coisas correm mal ao seu filho, tenta compreendê-lo e animá-lo?	1	2	3	4
11. Impõe ao seu filho mais castigos corporais do que ele merece?	1	2	3	4
12. Aborrece-se com o seu filho porque ele não o (a) ajuda nas tarefas de casa como gostaria?	1	2	3	4
13. Quando acha que o seu filho faz algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?	1	2	3	4
14. Conta a outras pessoas o que o seu filho faz ou diz, envergonhando-o com isso?	1	2	3	4
15. Mostra interesse em que o seu filho tire boas notas?	1	2	3	4
16. Ajuda o seu filho quando ele enfrenta uma tarefa difícil?	1	2	3	4
17. Diz ao seu filho frases como estas: "Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?	1	2	3	4
18. Fica triste por culpa do seu filho?	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
19. Tenta estimular o seu filho para que ele seja o melhor?	1	2	3	4
20. Demonstra ao seu filho que está satisfeito com ele?	1	2	3	4
21. Confia no seu filho de tal forma que o deixa actuar sob a sua própria responsabilidade?	1	2	3	4
22. Respeita as opiniões do seu filho?	1	2	3	4
23. Se o seu filho tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?	1	2	3	4
24. Quer estar ao lado do seu filho?	1	2	3	4
25. Acha que é, de alguma forma, "forreta" e "duro (a)" para com o seu filho?	1	2	3	4
26. Quando regressa a casa, o seu filho tem que dar-lhe explicações sobre o que fez ?	1	2	3	4
27. Tenta que a infância do seu filho seja estimulante, interessante e atractiva (por exemplo; dando-lhe bons livros, encorajando-o a participar em passeios e excursões, etc.)	1	2	3	4
28. Elogia o comportamento do seu filho?	1	2	3	4
29. Diz ao seu filho frases como estas: "É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem"?	1	2	3	4
30. Quando o seu filho está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?	1	2	3	4
31. Diz ao seu filho que não está de acordo com a forma de ele se comportar em casa?	1	2	3	4
32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do seu filho?	1	2	3	4
33. É brusco e pouco amável com o seu filho?	1	2	3	4
34. Castiga o seu filho com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?	1	2	3	4
35. Acha que o seu filho deseja que se preocupe menos com as actividades dele?	1	2	3	4
36. Participa activamente nos passatempos e diversões do seu filho?	1	2	3	4
37. Bate ao seu filho?	1	2	3	4
38. Coloca limitações estritas ao que o seu filho pode ou não fazer, obrigando-o a respeitá-las rigorosamente?	1	2	3	4
39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao seu filho?	1	2	3	4
40. Acha que há carinho e ternura entre si e o seu filho?	1	2	3	4
41. Fica orgulhoso(a) do seu filho quando ele consegue atingir um objectivo a que se tinha proposto?	1	2	3	4
42. Manifesta ao seu filho que está satisfeito com ele através de expressões física carinhosas como dar-lhe palmadas nas costas, abraçá-lo, etc.?	1	2	3	4

Anexo 2: Tabelas de análise da normalidade e da homogeneidade das variâncias

Tabela 1. Análise da normalidade através do teste de Kolmogorov-Smirnov

	Statistic	df	Sig.
EMBU-Memórias de Infância			
Suporte Emocional - Pai	,084	102	,074
Rejeição - Pai	,184	102	,000
Sobreprotecção - Pai	,097	102	,019
Suporte Emocional - Mãe	,111	102	,003
Rejeição - Mãe	,180	102	,000
Sobreprotecção - Mãe	,083	102	,077
EVA			
Ansiedade	,147	102	,000
Conforto com a Proximidade	,068	102	,200*
Confiança nos Outros	,095	102	,025
EMBU-Pais			
Suporte Emocional	,144	102	,000
Rejeição	,080	102	,108
Tentativa de Controlo	,079	102	,123

Tabela 2. Análise da homogeneidade através do teste de Levene

	Statistic	df	Sig.
EMBU-Memórias de Infância			
Suporte Emocional - Pai	0.205	1	.652
Rejeição - Pai	0.447	1	.505
Sobreprotecção - Pai	1.080	1	.301
Suporte Emocional - Mãe	0.563	1	.455
Rejeição - Mãe	1.888	1	.173
Sobreprotecção - Mãe	0.529	1	.469
EVA			
Ansiedade	0.006	1	.938
Conforto com a Proximidade	1.101	1	.297
Confiança nos Outros	1.639	1	.203
EMBU-Pais			
Suporte Emocional	4.257	1	.042
Rejeição	0.015	1	.904
Tentativa de Controlo	3.006	1	.086

Anexo 3: Tabela da análise descritiva das dimensões

Tabela 2. Análise descritiva da das dimensões das dimensões das escalas

	M	SD	Min.	Max.	Skweness		Kurtosis	
					Statistic	SE	Statistic	SE
EMBU-Memórias de Infância								
Suporte Emocional - Pai	18.72	4.537	7	28	-0.212	0.239	-0.424	0.474
Rejeição - Pai	10.02	2.395	8	20	1.434	0.239	2.533	0.474
Sobreprotecção - Pai	14.50	2.785	8	21	0.100	0.239	-0.354	0.474
Suporte Emocional - Mãe	19.17	4.900	10	18	-0.146	0.239	-0.929	0.474
Rejeição - Mãe	11.87	3.082	9	26	2.093	0.239	5.607	0.474
Sobreprotecção - Mãe	14.44	2.806	8	21	0.079	0.239	-0.437	0.474
EVA								
Ansiedade	1.98	0.770	1	4.83	1.216	0.239	1.894	0.474
Conforto com a Proximidade	3.52	0.536	2.17	4.83	-0.035	0.239	-0.278	0.474
Confiança nos Outros	3.25	0.523	1.83	4.50	-0.013	0.239	0.071	0.474
EMBU-Pais								
Suporte Emocional	47.48	5.703	31	56	-1.078	0.239	0.563	0.474
Rejeição	27.04	4.581	19	40	0.441	0.239	0.003	0.474
Tentativa de Controlo	28.60	4.206	18	42	0.179	0.239	0.495	0.474

Anexo 4: Influência da variável sexo nas dimensões do EMBU-Pais

Gráfico 1. Influência da variável sexo na dimensão tentativa de controlo

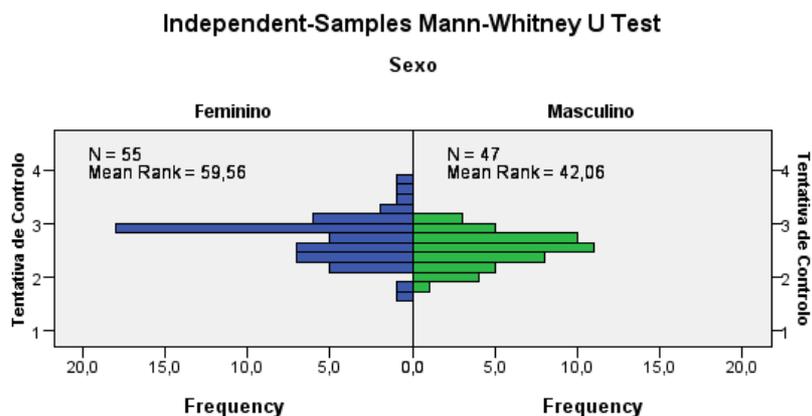
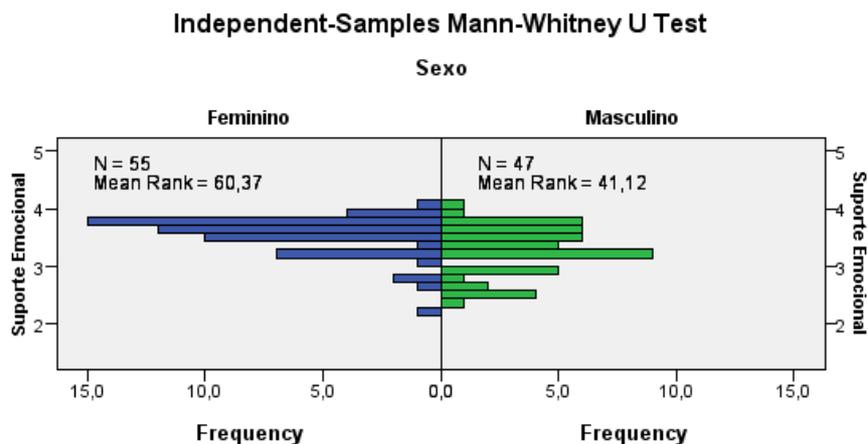


Gráfico 2. Influência da variável sexo na dimensão suporte emocional



Anexo 5: Tabelas de análise das associações entre as dimensões (Kendall tau-b)

Tabela 3. Associação entre as dimensões da escala do EMBU-Memórias de infância

		Suporte Emocional - Pai	Rejeição - Pai	Sobreprotecção - Pai	Suporte Emocional - Mãe	Rejeição - Mãe	Sobreprotecção - Mãe
Suporte Emocional - Pai	Correlation Coefficient	1,000	-,267	,048	,660	-,184	,062
	Sig. (2-tailed)	.	,000	,505	,000	,012	,389
Rejeição - Pai	Correlation Coefficient		1,000	,322	-,225	,370	,216
	Sig. (2-tailed)		.	,000	,002	,000	,004
Sobreprotecção - Pai	Correlation Coefficient			1,000	-,062	,195	,741
	Sig. (2-tailed)			.	,386	,009	,000
Suporte Emocional - Mãe	Correlation Coefficient				1,000	-,246	-,014
	Sig. (2-tailed)				.	,001	,850
Rejeição - Mãe	Correlation Coefficient					1,000	,322
	Sig. (2-tailed)					.	,000
Sobreprotecção - Mãe	Correlation Coefficient						1,000
	Sig. (2-tailed)						.

Tabela 4. Associação entre as dimensões da escala do EVA

		Ansiedade	Conforto com a Proximidade	Confiança nos Outros
Ansiedade	Correlation Coefficient	1,000	-,266	-,412
	Sig. (2-tailed)	.	,000	,000
Conforto com a Proximidade	Correlation Coefficient		1,000	,208
	Sig. (2-tailed)		.	,004
Confiança nos Outros	Correlation Coefficient			1,000
	Sig. (2-tailed)			.

Tabela 5. Associação entre as dimensões da escala do EMBU-Pais

		Suporte Emocional	Rejeição	Tentativa de Controlo
Suporte Emocional	Correlation Coefficient	1,000	-,200	,159
	Sig. (2-tailed)	.	,005	,026
Rejeição	Correlation Coefficient		1,000	,246
	Sig. (2-tailed)		.	,001
Tentativa de Controlo	Correlation Coefficient			1,000
	Sig. (2-tailed)			.

Tabela 6. Associação entre as dimensões da escala do EMBU-Memórias de Infância e as dimensões da escala do EVA

		Ansiedade	Conforto com a Proximidade	Confiança nos outros
Suporte Emocional - Pai	Correlation Coefficient	-.029	.153	.071
	Sig. (2-tailed)	.688	.033	.321
Rejeição - Pai	Correlation Coefficient	.164	-.004	-.130
	Sig. (2-tailed)	.027	.962	.082
Sobreprotecção - Pai	Correlation Coefficient	.151	.109	-.071
	Sig. (2-tailed)	.037	.133	.333
Suporte Emocional - Mãe	Correlation Coefficient	-.017	.122	.029
	Sig. (2-tailed)	.816	.087	.689
Rejeição - Mãe	Correlation Coefficient	.129	-.107	-.088
	Sig. (2-tailed)	.081	.150	.236
Sobreprotecção - Mãe	Correlation Coefficient	.154	.030	.079
	Sig. (2-tailed)	.034	.678	.282

Tabela 7. Associação entre as dimensões da escala do Eva e as dimensões da escala do EMBU-Pais

		Suporte Emocional	Rejeição	Tentativa de Controlo
Ansiedade	Correlation Coefficient	-.065	.196	.088
	Sig. (2-tailed)	.360	.006	.220

Conforto com a Proximidade	Correlation Coefficient	.271	-.136	.096
	Sig. (2-tailed)	.000	.058	.184
Confiança nos Outros	Correlation Coefficient	.025	-.108	-.113
	Sig. (2-tailed)	.726	.133	.117

Tabela 8. Associação entre as dimensões da escala do EMBU-Memórias de Infância e as dimensões da escala do EMBU-Pais

		Suporte Emocional	Rejeição	Tentativa de Controlo
Suporte Emocional - Pai	Correlation Coefficient	.118	-.051	-.036
	Sig. (2-tailed)	.095	.467	.617
Rejeição - Pai	Correlation Coefficient	-.083	.207	-.025
	Sig. (2-tailed)	.259	.005	.736
Sobreprotecção - Pai	Correlation Coefficient	-.057	.013	-.025
	Sig. (2-tailed)	.430	.861	.730
Suporte Emocional - Mãe	Correlation Coefficient	.109	-.056	-.018
	Sig. (2-tailed)	.123	.427	.805
Rejeição - Mãe	Correlation Coefficient	-.023	.182	.064
	Sig. (2-tailed)	.755	.013	.389
Sobreprotecção - Mãe	Correlation Coefficient	-.087	.077	.010
	Sig. (2-tailed)	.228	.285	.888